Livro: O Sonho 1, O Fantasma Do Ontem

-Parte Um-

...Jack seguia silenciosamente pelo beco, tinha ficado de olho naqueles dois por bastante tempo, deviam estar aprontando alguma, não iriam se encontrar em um lugar desses se não fosse por algo ilegal.

Ele ainda não sabia o que era, bebida, cigarros, extorsão, roubo, fosse o que fosse, Mike Martelo e Pitt Valentine não eram dois grandes criminosos mas nunca se sabia quando essa corja decidia inovar, quem sabe um assalto ou mesmo um sequestro.

A onda de assaltos a bancos haviam diminuído significativamente desde que os federais e as forças tarefas começaram a pegar pesado com os famosos, a quase oito anos transformaram Dillinger e Clyde em peneira e Capone não passava de um doente sem qualquer poder.

Porém o vácuo do poder sempre era ocupado e muitos pretendentes a estampar os pôsteres de procurados surgiam diariamente. Ele parou em um canto e ouviu a voz fina e irritante de Pitt.

-... Mike, isto não vai dar certo.

-Cala a boca. Precisamos vender este produto amanhã, senão ficaremos duros e aí você sabe.

-Está bem, mas se a cana aparecer?

-Eu tenho isto e eles vão ter uma lição.

Pitt riu, estavam realmente tramando alguma coisa, não havia ainda nenhum indício de que cometiam algum delito mas o instinto de Jack dizia que mesmo na dúvida, deveria agir, saiu do canto do beco e caminhou silenciosamente para os dois homens que estavam

mexendo em algumas caixas na traseira do furgão.

Eles estavam fazendo barulho de papel e plástico, pareciam caixas de cigarros, o clique do destravamento da escopeta não foi alto o suficiente para alarmar os dois que estavam absortos no que faziam.

-Boa noite senhores, acho que estão ocupados mas preciso que parem o que estão fazendo.

Pitt pulou como um gato assustado e bateu com a cabeça no teto da van levantando rapidamente as mãos diante do cano da escopeta do policial.

-Detetive O'Brian, que surpresa nessa bela noite.

Mike disse virando-se vagarosamente.

-Em que podemos lhe ser útil.

-Afastem-se do furgão e fiquem contra aquela parede.

-Sim, senhor detetive.

Os dois homens estavam estranhamente cooperativos e Jack desconfiou que havia mais alguém na van. Sem tirar toda a atenção dos dois ele verificou o interior do veículo, não havia ninguém, no beco também não havia qualquer outra alma.

-O que é isso aqui no furgão Mike, cigarros?

-De certa forma sim.

-Vai pegar alguns anos por isso Pitt, como caiu na lábia deste idiota.

-Eu não...

Mike olhou para Pitt que se calou. Jack abriu uma das embalagens que eram maços de cigarro de um formato estranho além do cheiro ser muito adocicado, pegou um e aproximou da luz, colocou na boca e mordeu, o som de crack e o sabor não tinham como deixar dúvidas.

-Palitos de chocolate.

-Sim senhor, pode levar uma caixa por nossa conta.

Jack cuspiu.

-Não gosto de chocolate, o que está aprontando Mike?

Disse aproximando-se do homem maior e encostando o cano da escopeta embaixo do queixo dele. Pitt tremia como uma vara verde, sabia que aquele policial era mais violento que os demais, tinha lido que ele tinha aberto a cabeça de um assaltante a coronhadas na semana passada. Escopeta Jack era como chamavam ele nas ruas.

-Posso pegar um papel no meu bolso?

Disse Mike sem medo algum.

-Eu pego.

Jack passou a mão no bolso da camisa de Mike e sentiu um papel, retirou e se afastou lendo.

-Como pode ver temos a nota de todos estes produtos, eles foram comprados legalmente e serão comercializados legalmente.

-É, legalmente, hehe, legalmente.

Pitt repetiu alegremente, Jack olhou para ele de cara amarrada, o homem engoliu em seco e olhou para o chão.

-Você não faz nada legalmente Mike, nem mesmo pensar, quem fez essa nota falsa pra você?

-Não sei do que está falando senhor policial.

Disse com ironia, Jack sabia que algo estava errado mas não sabia o que. Releu a nota fiscal mas estava preenchida corretamente, ainda em dúvida foi até os chocolates e leu uma embalagem, a descrição batia, continuou até que seus olhos caíram sobre algo que despertou sua atenção.

-Vocês dois estão presos.

Disse retirando dois pares de algemas, jogou uma para Mike.

-Você sabe como colocar.

-Isso é um erro O'Brian, temos o papel...

-Oh sim, vocês tem um papel e muito bonito não é? Coloque logo.

Mike colocou as algemas a contra gosto, Jack colocou as outras em Pitt Valentine.

Foi até Mike e apertou as algemas.

-Da próxima vez que pedir para alguém fazer uma nota falsa para você lembre de verificar o endereço onde o produto foi fabricado antes de pedir uma nota do estado errado. Agora podem me acompanhar até o meu carro senhores e com calma para que eu não tenha que preencher relatórios a noite toda por espalhar as tripas de alguém pela calçada novamente.

Chegaram ao carro, Jack chamou apoio e logo chegaram duas viaturas.

-*-

Na central ele estava sentado na cadeira na sala do chefe.

-Chocolate?

Disse o chefe Rogers

-Eles estavam violando a lei.

-Sem dúvida, mas como descobriu que eles estavam aprontando?

-Instinto eu acho.

-Alguém te deu a dica?

-Segredos do ofício e eles não enganariam ninguém com uma nota de Clinton-Illinois para um produto de Clinton-Indiana.

-Você é bom Jack, acho que ninguém aqui prende mais gente que você, desse jeito vai acabar tendo um presídio com o seu nome.

-Faço o possível para limpar as ruas.

-Pode ir.

Jack saiu, teria que preencher muita papelada mas valia a pena. Mike e Pitt ficariam pelo menos três anos longe das ruas, talvez mais a carga houvesse sido roubada ou se pudessem provar algumas das suspeitas sobre outros crimes deles, não era a cadeira elétrica mas já era alguma coisa, pena que não reagiram pensou.

Saiu da central, já estava amanhecendo, seguiu pela rua e entrou no seu veículo, era um Ford ano trinta e cinco V-8, adorava estes carros, eram robustos, já tinha usado um para destruir um outro durante uma perseguição e ainda voltou dirigindo para a central.

Sentou-se na direção, suspirou, era detetive a quase dois anos, mas ainda não tivera um caso grande, tinha conseguido várias prisões mas nenhuma delas era grande o bastante para pôr o nome dele em uma manchete de jornal, era isso o que ele queria.

Se isso acontecesse, ele poderia chegar a detetive sênior e dali para tenente era apenas uma questão de tempo. Vinha de uma família de policiais e seu irmão era tenente em New York, o pai era capitão em Detroit, viera para Chicago esperando se tornar tenente antes de qualquer um dos dois.

Ainda tinha três anos para alcançar seu objetivo mas nenhum caso difícil e chamativo o bastante tinha aparecido, logo seria ação de graças e teria que ficar sentado ouvindo as histórias do pai e do irmão sobre seus casos, sem ter nada para contar.

Tirou uma garrafa embalada com papel do porta-luvas e tomou um gole, guardou ela e foi para seu apartamento dormir, sua rotina era simples, comer, dormir, acordar, trabalhar, não tinha tempo para mais nada, passava várias horas na central mesmo fora do expediente, sempre estudando casos em aberto.

-Jack?

Jack olhou e viu Barry Jones, tinha estado lendo o resumo de um caso para ver se achava alguma coisa para iniciar as investigações.

-O que é Barry?

-Tem um caso para você.

Entregou um bilhete com um endereço, Jack leu, era um daqueles hotéis que ficavam perto de West Town, frequentado por atores e dançarinas, devia ser uma briga ou talvez apenas uma desordem.

-O que é isso?

-Não sei, mas têm duas viaturas lá.

Jack se animou, pegou o paletó e saiu, foi no seu Ford tentando não ficar muito animado, podia não ser nada ou podia ser sua manchete, mesmo que não fosse um caso tenebroso ou difícil, poderia ter sua primeira manchete.

Parou no outro lado da rua e cruzou em meio ao movimento, além das duas viaturas estava uma viatura do necrotério, tinha uma morte envolvida e isso era bom.

-Jack?

O oficial de polícia de maior antiguidade o cumprimentou.

-Norman. O que houve?

-O gerente nos chamou depois de haver ouvido um tiro, assim que chegamos, encontramos as moças ali sentadas onde estão, em choque, ao subir ao quarto delas havia uma moça morta na cama, Pennelope Fergusson, com um tiro na têmpora esquerda e uma arma na mão esquerda.

-Suicídio?

-Parece que sim, todas acordaram com o tiro e saíram correndo do quarto com o susto.

-O pessoal já recolheu o corpo?

-Ainda não, eles estão fotografando tudo ao estilo dos federais, acho uma perda de tempo e dinheiro tirar fotos, mas eles dizem que ajuda para lembrar de como encontraram as vítimas.

-É a modernidade Norman.

Jack subiu para visitar o quarto enquanto escrevia alguns apontamentos a partir do que o policial disse e fez outros com possíveis questionamentos. Chegou ao lugar, era um quarto típico

de moças, quatro camas, quatro toucadores, alguns armários abarrotados de roupas, uma moça que aparentemente fora muito bela estava em uma das camas e o sangue estava endurecido ao redor da cabeça dela.

-Parece que faz algum tempo.

Cumprimentou com um gesto de cabeça os técnicos que estavam processando a cena, como os federais diriam.

-A janela estava aberta e o ventilador estava ligado, afinal devia ser quente aqui com quatro pessoas.

-Parker, onde está...

O homem estendeu um saco para ele.

-Ensacada?

-Os federais fazem assim, pode haver digitais.

Olhou para a arma, era um calibre vinte e dois, compacto com dois canos, era uma arma comum para mulheres, anotou o número de registro para fazer uma verificação. Foi até a moça e não conseguiu virar o rosto dela, o rigor mortis já tinha começado, apesar disto pode perceber que ela não encostara a arma a cabeça, e pela marca de pólvora no travesseiro atirara de no mínimo dez centímetros de distância, isso não era incomum, nem todo os suicidas atiravam encostando a arma a cabeça, mas anotou a informação. Desceu e foi falar com o gerente.

-Quando as moças se registraram?

-A duas semanas.

-Algo anormal?

-Não, elas eram como todos os demais, barulhentas e alegres.

Jack olhou para as três moças sentadas no sofá e cercadas de outras pessoas, um homem se inclinava e dizia algo para elas que apenas balançavam a cabeça. Jack anotou o detalhe no seu bloco.

-Que horas ouviu o tiro?

-Por volta da uma hora.

-Que horas ligou para nós?

-No mesmo instante, a telefonista demorou apenas alguns segundos para completar a chamada.

-Subiu para averiguar o que acontecia?

-Não senhor, sou só um gerente noturno, não temos nem mesmo porteiro.

-Quando as moças desceram?

-Imediatamente ao tiro, logo outros hóspedes desceram também.

-Alguém deixou o hotel nesse meio tempo?

-Não que eu tenha percebido.

-Posso precisar perguntar mais algumas coisas, até que horas estará por aqui?

-Só saio as seis.

-Ótimo, obrigado.

Jack foi até os hóspedes.

-Poderiam se afastar todos, preciso fazer algumas perguntas.

Todos exceto um homem deixaram a área.

-Quem é o senhor?

-Sou o produtor delas, Juan Sanchez.

-Sanchez?

-Sim.

Jack duvidava muito que aquele branquelo fosse espanhol mas estes artistas escolhiam nomes estranhos.

-Pode se afastar senhor Sanchez.

-Prefiria ficar com...

-Saia.

Jack disse com ar autoritário e o homem saiu a contragosto.

-Senhoritas, seus nomes.

-Mira Castro.

-Anabelle Phillips.

-Carol Thompson.

As três eram magras e quase mesma altura, a primeira morena com aparência latina, a segunda ruiva e a última loira, todas realmente bonitas, eram bailarinas com toda a certeza.

-Quanto tempo trabalham juntas?

As três se olharam. Thompson respondeu.

-Estamos juntas desde o começo do espetáculo em junho.

-Quatro meses?

-Sim.

-Onde se apresentaram antes de Chicago?

-Broadway e Vegas.

-Certo, gostaria que as três fossem ao distrito para podermos falar com vocês com mais privacidade. Havia notado que Thompson era a líder e ela não daria espaço para as demais poderem se expressar, desconfiou da segurança da mulher, elas acabaram de ver um suicídio e apesar das outras duas estarem visivelmente abaladas, Thompson parecia estar calma.

-Norman preciso que leve as moças até o distrito, pode fazer isto agora?

-Claro Jack.

Sanchez se aproximou apressado.

-Isto é necessário?

-Deve ser senão não teria pedido.

Sanchez não gostou nada de ser tratado daquela forma.

-Você não tem motivo para fazer isto, vou chamar um advogado.

-Sinta-se a vontade.

-Peterson?

O oficial da segunda viatura aproximou-se. Jack retirou uma algema e torceu o braço de Sanchez sem aviso e o prendeu.

-Pode levar este senhor a delegacia e fichar ele por obstrução.

-Claro Jack.

Sanchez foi levado pelo oficial em meio a protestos.

-Senhoritas podem acompanhar o oficial Carson.

Elas se apressaram a obedecer. Norman Carson olhou Jack com desaprovação, tinham trabalhado apenas duas semanas juntos quando ele chegou para logo ser promovido para detetive, Jack era violento e Norman não gostava disto.

-*-

Albert se reclinou na poltrona, tinha escrito muito naquele dia, espreguiçou-se tomou um gole de café, estava esfriando, alcançou a cafeteira e completou a xícara com café quente, este seria seu sétimo livro, estava satisfeito com o sucesso de seu livro anterior, estava a várias semanas entre os bestsellers, finalmente tinha um livro famoso e podia se considerar escritor.

A crítica tinha sido favorável apesar dele ter preferência pelo quinto livro, que ele achava muito melhor mas ainda era desconhecido vendendo pouco mais de mil cópias, sabia que não entenderia os leitores, afinal ele mesmo não gostava de ler, então devia ser uma relação complicada, autor-leitor.

Os outros livros estavam vendendo razoavelmente bem e desde o terceiro tinha podido deixar de dar aulas diariamente passando a aulas de reforço e particulares, mas agora Merryl proibira ele de lecionar, deveria guardar sua mente apenas para os livros.

Continuou escrevendo com a fúria que sempre fazia quando tinha uma ideia, escrevia com diversos erros de gramática e mesmo muitos erros de lógica, só faria correções depois de terminar de retirar aquele livro de sua mente, ele via a obra completa como sempre, o fim trágico, o drama dos momentos de mistério, a paixão dos personagens.

Parecia que era um filme em sua mente, ele era fã de cinema então estava ansioso para que alguém entrasse em contato com ele para produzir o seu sucesso no cinema, prometera a si mesmo dar liberdade ao diretor para fazer suas adaptações pois não queria que o filme fosse uma cópia do livro.

Continuou escrevendo até que estava exausto. Olhou pela janela estava escuro. Viu a hora no computador, eram nove horas, tinha estado escrevendo o dia inteiro sem parar, apenas havia ido ao banheiro e comido uns biscoitos, sentiu fome.

Desligou a tela do computador e foi tomar um banho, iria comer fora, foi a um restaurante que Beth tinha lhe apresentado, era muito bom, nunca fora dado a gastronomia mas realmente ficara apaixonado pela codorna com molho de mel, a mistura do doce com salgado o faziam sempre voltar.

Todas as mulheres que o conheciam bem, sempre criticaram seu gosto pelos doces, ainda mais por ele nunca engordar, devia ter um metabolismo muito bom, voltou para casa satisfeito, sentiu-se feliz, apesar de não ter nada em mente.

Na manhã seguinte sentou a frente do computador e ligou a tela, o livro estava ali onde havia parado. Jack tinha pressionado as moças, depois Sanchez, a única que suportou seu interrogatório foi Thompson, a moça o intrigou muito, havia descoberto que a arma estava registrada no nome da moça e passara a vigiar ela de perto investigando pois tinha aquele instinto que dizia que ela era a culpada.

-*-

Estavam no meio de um diálogo então Albert retomou seu livro.

-Acha que fui eu?

-Tenho minhas suspeitas.

-Por que eu faria aquilo?

-Ainda não sei, mas se foi você, vou descobrir.

Ela sentiu uma mágoa muito forte naquele instante, não pôde conter as lágrimas.

-Você está cego pelo seu senso de justiça que não percebe que eu estou me apaixonando por você.

-Tenho sim um senso de justiça mas não sou cego.

Ela olhou para ele que ainda mantinha aquela expressão dura, estendeu a mão e tocou o rosto dele, Jack não se afastou ao seu toque.

-Jack eu juro, não sou assassina.

-Carol, eu realmente espero que não tenha sido você mas não posso parar de investigar, mesmo que isso me destrua por dentro.

Ela ficou na ponta dos pés e beijou ele que retribuiu o beijo com carinho. De repente ela se virou sentindo-se assustada.

-O que foi?

Perguntou Jack, nunca vira ela agir daquele jeito, um medo avassalador transpareceu no seu semblante, a mulher olhou em volta como se estivesse fugindo de alguém.

-Não sei, tive uma sensação de ser observada.

-Carol?

-Olhe.

Ela exibiu o braço, estava todo arrepiado.

Jack sacou seu trinta e oito e verificou a área, não havia ninguém a vista em atitude suspeita, voltou até Carol.

-Não tem nada estranho.

-Foi uma sensação muito forte, senti que havia alguém muito perto me olhando e isso foi desconfortável.

Jack ficou com uma mistura de sentimentos, estava confuso, achava que estava se apaixonando por aquela dançarina, ao mesmo tempo tinha um instinto muito forte que lhe dizia que ela tinha matado Penny Fergusson, por algum motivo ainda desconhecido, agora ela vinha com isto, o que podia ser?

-*-

Albert se reclinou na poltrona, estava intrigado, não tinha pensado em escrever sobre isto, tinha simplesmente escrito aquilo que brotava de sua mente e ficou curioso sobre o que estava acontecendo, continuou escrevendo, bebeu mais um pouco de café e ao buscar por mais viu que a cafeteira estava vazia.

Encheu a cafeteira, pôs pó e ligou, sentou na poltrona e passou as mãos pelo cabelo, estavam um pouco grande, viu seu reflexo na tela, a barba também estava grande e despontada. Beth sempre reclamava dele ser tão relaxado com a aparência.

-Al, por que não tira esta barba, aposto que vai ficar mais bonito e jovem, esta barba te deixa com cara de professor.

-Beth, novamente isto? Eu sou professor.

-Mas não é um professor velho e corte este cabelo, está muito grande...

Talvez por isso terminou com ele. Isso foi antes do sucesso, lembrou de quanto sofreu por causa daquilo, teve até que ir a um psiquiatra para ver se não estava exagerando, tinha recebido alguns comprimidos e eles ajudaram bastante, depois de algumas semanas iniciou seu sexto livro e ele estourou, foi a diversos eventos, encontrou Beth em um dos jantares de caridade que fora convidado.

-Você está bonito e arrumado.

-Oi Beth.

-Oi Al.

Somente ela chamava ele de Al.

-Está sozinho aqui?

-Não, Merryl veio comigo, não ia me deixar aparecer em uma festa sem estar por perto me policiando, sabe como ela é?

-Sim, ela pensa em você como namorado dela.

-Pare Beth, onde está seu acompanhante?

-Vim sozinha.

-Ah, bom ver você.

Disse Albert se afastando.

-Al.

-Sim?

-Me liga pra gente conversar.

-Oh, sim, pode deixar.

Ele se afastou indo até onde Merryl estava conversando animadamente com alguns editores, ela pegou ele pelo braço, enganchando ele e ficando ali, mantendo ele preso, quando tiveram uma pausa na conversa ela o levou ao bar.

-O que quer?

-Uma champanhe.

-Uma champanhe e um martíni.

-O que Beth queria?

-Nada.

-Ela deve ter se arrependido muito por ter deixado você.

-Não acho.

-Eu não vou deixar você escapar tão fácil.

Disse e beijou o rosto de Albert que sorriu.

-Quem vê vai pensar que temos um caso.

-E daí, só porque eu sou cinquentona não poderia pegar alguém mais jovem.

-Merryl pare.

-*-

Levantou e foi ao banheiro, aparou a barba como sempre fazia, mais tarde iria a um barbeiro para cortar os cabelos, voltou ao computador e colocou novamente os óculos. Continuou escrevendo e bebendo café, estava curioso sobre o que estava acontecendo com Carol, ela tinha agido muito estranho e isso tirou o foco de Albert de Jack, depois dela ter ido para o quarto novo que dividia com as colegas ela deitou-se na cama.

-Que bicho te mordeu Carol, está com uma cara horrível.

-Cuide da sua vida Mira.

-Amanhã Juan vai trazer a garota nova, ela é de Albuquerque.

-Você é de lá certo?

-Não, sou de Santa Fé.

Carol se sentia incomodada, alguém a estava espionando, ela sentia o olhar fixo nela, olhou pela janela, não havia nada, mesmo assim levantou e olhou, haviam seis andares lhe afastando da rua e as escadas de incêndio não eram deste lado então não havia como alguém espiá-la, tentou respirar fundo mas a sensação não a abandonava.

Dormiu um sono agitado, certas lembranças a atormentaram, nunca fora uma mulher fraca, tinha feito de tudo para alcançar o sucesso, menos dormir com seus produtores, tivera muitos namorados é claro e diversos famosos, mas com um produtor para obter vantagens nunca, podia empurrar uma colega da escada ou

mesmo, coisa muito pior mas não era uma prostituta.

Acordou cedo e arrumou-se, logo as outras também acordaram, assim que terminavam de se arrumar Sanchez bateu a porta.

-Vamos meninas, temos que ensaiar e o show tem que continuar, Vanessa chegará logo e irá direto para o ensaio, ela ficará no lugar de Mira e Mira no lugar de Carol, você querida irá voltar ao lugar principal, de onde não deveria ter saído.

Disse beijando o rosto da loira que ficou orgulhosa. Anabelle ficou vermelha de raiva, tinha pensado que havia chegado sua vez de ficar na frente das bailarinas mas parece que Juan não pensava nela como capaz. Chegaram a casa de show e foram ao camarim colocar as roupas de ensaio.

-Que cara Belly, não teve uma tarde muito agradável ontem.

-Você é uma cobra Mira.

-Você que pensou que sair com Juan ia te fazer assumir o lugar de Penny, ela mal esfriou sabia.

-Mira deixe ela em paz.

-Não preciso de ajuda Carol, sabemos que aquela pistola era sua.

-E daí, está dizendo que eu matei Penny?

-Não sei, só sei que você é muito má conosco.

-Está muito corajosa agora, não é?

De repente Carol levantou-se derrubando sua cadeira e disse para a escuridão no canto do camarin.

-Quem está aí?

As outras duas se assustaram e também voltaram a atenção para aquela direção, com medo Carol inclinou a luminária para a direção e não havia nada, apenas uma arara de roupas que sempre estivera ali.

-Meu deus Carol que susto, o que foi isto.

Carol estava tremendo, nenhuma das duas tinha visto ela tremer

daquele jeito, nem mesmo quando tinha torcido o pé e dançado o espetáculo todo no mesmo dia.

-Carol você está pálida.

-Não sei, acho que estou sentindo um fantasma me perseguindo.

-É o fantasma de Penny.

-Huaaaa.

-Parem com isso, Penny virou um anjo e não um fantasma.

As duas se calaram. Aos poucos Carol se controlou e voltou a arrumar-se apesar de não ter voltado a luminária para a posição anterior. A garota nova chegou, estava com um sobretudo e tirou ele revelando estar vestida para o ensaio.

-Olá sou Vanessa Preston.

-Mira.

-Anabelle e esta é Carol.

-Olá.

-Prazer.

Juan estava com aquele seu jeito impaciente de sempre e bateu palmas.

-Muito bem, continuem o aquecimento.

Elas se aqueceram.

-Vamos começar o ensaio, desde o princípio.

Vanessa se adaptava muito rápido e logo pegou o básico da coreografia, fazia os movimentos com pouco atraso por ser sua primeira vez e ao fim do primeiro ensaio já tinha memorizado a maior parte dos movimentos, o segundo foi logo depois do lanche e desta vez ela acompanhou prontamente, sem qualquer atraso apesar de uns poucos erros.

-Certo, vamos almoçar e voltamos a tarde, Vanessa boa evolução, mas prefira atrasar os movimentos, que errar.

-Sim senhor Sanchez.

Depois do almoço elas ficaram se aquecendo e alongando.

-De onde você é Carol?

-Santa fé.

-Percebi pelo sotaque, sou de Albuquerque.

-Já tinha ouvido.

-Começou em Vegas?

-Não, fui direto para L.A.

-Estive em Vegas alguns anos, você será a principal, não é?

-Voltei a ser depois do que aconteceu com Penny.

-Triste, tem garotas que não aguentam esta vida.

Carol notou que Vanessa era dura como ela e devia ter cuidado com ela. Começaram o ensaio e no meio de um movimento de rotação em que a atenção se focava em Carol ela se distraiu e acabou se desequilibrando quase caindo, ela pareceu assustada e olhou em volta em busca de seu observador, todas pararam olhando espantadas para ela.

-Carol, o que foi, algum problema.

Sanchez estava de mal humor, Carol olhava para todos os lados mas não havia ninguém a observando, nem dos bastidores, e nem da plateia, só estavam as outras meninas e Sanchez, ela não conseguiu se conter e chorou de desgosto, Sanchez se preocupou, foi até ela no palco.

-O que foi garota?

E olhando para as outras perguntou.

-O que ela tem?

-Não sabemos, ela está estranha desde ontem, disse que tem alguém espiando ela.

Sanchez olhou em volta e as outras fizeram a mesma coisa.

-Desculpem, não sei o que aconteceu, tenho sentido que sou observada.

-Deve ser por causa daquele policial idiota está fazendo marcação sobre nós desde que a Penny...

Sanchez não continuou.

-Não sei, acho que não é o Jack.

-Hum, Jack é?

-Mira pare.

-Vá se lavar e volte para continuar o ensaio, espero amanhã voltar a apresentar, ainda temos de fazer mais sete shows antes de podermos ir para New York no mês que vem.

-Sim, desculpe.

Carol desceu para os bastidores sob o olhar das outras.

-Será que ela está ficando maluca?

-Mira.

-O que?

Carol caminhou se abraçando até o banheiro, entrou e ficou sozinha ali, olhou-se no espelho e assustou-se novamente olhando em todas as direções, sentia aquela pessoa a observando, mas ela estava sozinha, não era possível outra pessoa ali.

-Quem é?

Perguntou em voz alta, será que estava ficando louca?

-Eu sei que está me olhando, quem é?

Aos poucos foi se acalmando e sentou na privada fechada, pensou em tudo que havia passado e tudo que tinha feito, será que era mesmo o fantasma de Penny, se fosse ela não ligaria, não tinha medo de fantasmas, tinha medo daquilo, de ser observada sem saber por quem ou o que.

Lavou o rosto novamente se olhando com raiva, tinha de ser

forte, se alguém pensava que podia intimidar ela, teria seus planos frustrados. Voltou ao ensaio e não deu mais importância para a sensação de ser observada, dançou se exibindo mais que nunca para seu observador, se ele queria vê-la, ela o provocaria até ele ter que se revelar.

-Meu deus Carol você estava maravilhosa, parecia que estava se apresentando em um festival.

Sanchez tinha estado preocupado mas esqueceu todos seus temores ao ver como ela brilhou no ensaio, até Vanessa se impressionou, por isso que aquela loira era a principal afinal. Depois de se trocar no camarim elas voltaram ao hotel, Carol deixou para tomar banho por último, tinha algo em mente para seu observador.

Entrou no banheiro e tirou lentamente a roupa e com cuidado, depois de tanto medo por não poder saber quem a espiava, o alívio estava fazendo se sentir excitada por ser observada tanto tempo e mesmo ali enquanto se despia, sua respiração estava profunda e pulsação elevada pela excitação, entrou na banheira e lavou-se brincando com a água...

-*-

Albert parou de escrever, havia esquecido de Jack. O livro não era sobre Carol era sobre o detetive e ele tinha perdido tempo escrevendo sobre uma noite e um dia inteiro da vida dela. Acabara se deixando levar pela curiosidade sobre o que estava acontecendo com Carol, quem será que era o fantasma que estava espiando a mulher?

Não era um livro sobre fantasmas, muito menos um livro sobre algum psicopata que gostava de espiar mulheres, era um livro sobre um detetive e sobre um assassinato, tomou mais um pouco de café e deu enter algumas vezes para dar espaço, depois apagaria aquilo que não tinha nada a ver com seu projeto, voltou sua atenção para Jack.

-*-

O detetive tinha voltado ao distrito, tinha ficado sentado ali revendo tudo que sabia sobre o caso, não parava de pensar em Carol, estava se apaixonando por ela mas em seu íntimo tinha uma convicção férrea que ela havia matado a colega, seria por causa de ter perdido o lugar principal?

-Não faria sentido.

Acabou dizendo em voz alta, era apenas um lugar no palco e não justificaria matar uma pessoa por isso, a menos que tenha sido acidental mas não tem como dar um tiro na cabeça de alguém em um quarto fechado, escuro de modo acidental e fazer parecer suicídio, além disso usando a própria arma, atirar não era muito comum para uma mulher, se fosse veneno ou mesmo uma pancada poderia ser, mas um tiro?

-Muito chamativo e em um quarto com outras duas mulheres?

Se as outras duas quisessem tomar o lugar de Carol seria a hora de insinuar qualquer coisa sobre ela mas nenhuma das duas havia apontado qualquer intriga ou desavença de Penny com ninguém, mesmo Sanchez que era um idiota mas estava realmente intimidado por Jack, tinha alguma direção para apontar. Era como se a garota tivesse se suicidado mesmo.

-Ainda neste caso, achei que fosse suicídio?

Perguntou Barry.

-Não estou convencido ainda, tem algo neste caso que me intriga muito.

-Talvez seja aquela loura que esteja te intrigando, está caidinho por ela.

-De onde tirou isto?

-Você fica aí sentado olhando a foto dela quase todo o tempo.

-Ela é minha suspeita.

-O que, acha que ela matou a colega com um tiro no meio da noite e com as outras no mesmo quarto?

-Eu não sei.

Jack se levantou, precisava pensar e Barry não estava deixando ele pensar no momento, pegou o casaco e saiu para a madrugada de Chicago, dirigiu até as áreas mais violentas e ficou ali parado em um beco olhando o movimento para ver se vi alguma coisa que lhe chamasse a atenção.

Quando amanheceu retornou ao distrito, não haviam tido ocorrências graves ou perto dele para que tivesse de agir. Bateu seu ponto atrasado como sempre fazia e anotou o horário a lápis do lado. Foi para o carro, pegou a garrafa e bebeu um gole mais longo que o de sempre, foi para casa descansar e quem sabe ao acordar, encontrar uma pista nova.

Levantou da cama no fim da tarde, tomou seu banho e colocou roupa limpa, deixou a roupa suja no cesto, Maria viria em algum horário e arrumaria a casa para ele, era uma vizinha muito prestativa, ele pagava pelo serviço dela e ela mantinha seu apartamento organizado e deixava sempre comida para ele somente esquentar pela manhã, o marido dela era porteiro em um hotel chique mas ela trabalhava limpando alguns apartamentos para melhorar a situação deles, tinham três filhos que volta e meia brincavam pelo corredor.

Saiu para a tarde de Chicago e decidiu ligar para Carol, tinha se preocupado por aquela reação dizendo que estava sentindo que alguém a observava. Foi até o telefone público e discou.

-Alô, quarto seiscentos e quatro.

Aguardou.

-Alô? Boa tarde, posso falar com a Carol? Ela está no banho? Oh sim, pode dizer que o detetive O'Brian ligou e vai estar no Desotto's por volta das dez? Oh sim, obrigado.

Jack desligou, foi para o distrito e ficou revendo outros casos,

podia seguir a pista daquele furto a loja de penhores novamente.

-Jack, pode vir a minha sala?

-Sim chefe?

-Preciso que encerre o caso da moça, foi suicídio ou não?

-Ainda não sei com certeza chefe.

-O que pode provar?

-Nada, só tenho uma série de coisas que não se encaixam.

-Quais?

-Uma moça que havia conseguido o lugar principal no espetáculo a pouco tempo, uma arma registrada no nome da colega, um tiro em um quarto que fica no oitavo andar e todos dizendo que ela não tinha desafetos com ninguém ou problemas e mesmo assim se suicidou aparentemente.

-Não entendi a parte do tiro no oitavo andar?

-Seria mais fácil pular da janela que sempre ficava aberta, suicidas parecem preferir pular de janelas a qualquer outra forma de suicídio em apartamentos, ainda mais uma mulher preferindo uma arma a outras formas mais limpas, pode se dizer.

-É realmente incomum mas não quer dizer nada.

-É por isso que estou intrigado.

-Tudo bem, se não achar nada que faça alguma diferença, em quarenta e oito horas encerre o caso, preciso liberar o corpo para ser levado para casa dos pais em Memphis, para eles poderem enterrar a filha.

-Sim senhor.

Jack saiu e pegou o paletó, foi ao Desotto’s, sentou no bar e verificou a hora, eram quase dez, assim que o relógio passou quinze minutos das dez Carol entrou, estava mais bonita que nunca, usava um vestido vermelho, sapatos pretos com meias finas pretas, luvas pretas e um véu curto preto que criava um contraste muito

marcante com seus cabelos loiros presos em um coque, Jack levantou.

-Está linda.

Muitos homens tiveram o olhar atraído para a beleza dela e alguns até encararam diretamente ela esperando um sinal de resposta mas ela tinha olhos apenas para jack, ele pegou o casaco dela e entregou no guarda volumes.

-Obrigada.

Jack a levou até uma mesa.

-O que gostaria de beber?

-Um suco de laranja.

-Para mim um martíni.

Disse para o garçom.

-Teve mais alguma sensação de ser observada?

-Não, foi só aquela vez.

Mentiu para Jack. Ele não pôde deixar de admirar a beleza dela, o batom vermelho deixava os lábios dela muito sensuais, e aqueles olhos azuis escuros, quase pretos davam uma aura de malícia feminina que fizeram o coração de Jack perder uma ou duas batidas, ela estava vermelha.

Jack lia que estava excitada, desejava do fundo da alma que Carol fosse inocente e faria de tudo para provar, mesmo que somente para si. Depois de jantarem prepararam-se para sair mas caia um aguaceiro.

-Oh, espere vou pegar um guarda chuvas no carro.

Jack saiu do restaurante e correu para o carro.

-Está aí olhando novamente, não é?

Disse Carol baixinho de modo que ninguém pudesse ouvir, suspirou olhando em volta, tinha voltado a sentir excitação por aquele fantasma que a observava em silêncio.

-Eu sinto você me olhando, sumiu no meio do meu banho, quando as coisas iam ficar animadas e senti você imediatamente quando entrei aqui.

Jack retornou, abriu o guarda chuva e levou ela até o estacionamento coberto onde estava o Ford, parou antes de abrir a porta para ela e sentindo um impulso de paixão inclinou e buscou beijar ela, Carol deixou ele a beijar e respondeu a sua paixão por uns instantes e afastou-se dele.

-Desculpe.

Disse Jack.

-Não Jack, eu que peço desculpas, eu gosto de você e estou confusa, ainda estou interessada em você mas tem alguém ali.

Disse ela apontando diretamente para o ponto de vista do escritor.

-*-

Albert ficou chocado, não pretendera escrever aquilo, que coisa mais estranha. Será que devia parar de escrever? Olhou a hora, ainda era cedo, estava no meio da tarde, preferiu continuar pelo menos para ver o que aconteceria.

-Ali onde?

Disse Jack colocando a mão no revólver dentro do paletó.

-Não Jack, tem alguém ali me olhando e eu não sei porque ele fica ali olhando.

Jack estava confuso, procurava alguém mas não via ninguém por perto além dos dois.

-Não vejo ninguém.

-Eu também não, eu só o sinto, é quase como se pudesse tocá-lo.

Disse isso estendendo a mão na direção de onde Albert via a

cena, ele ficou assustado, mudou a perspectiva de sua visão vendo ela e Jack conversando por sobre o carro, ela automaticamente voltou o olhar para ele, deu a volta no carro, em pânico Albert foi afastando-se de Carol que continuou indo na direção dele, Albert tentava se afastar avançando para chuva, pôde ouvir Jack gritar.

-Carol.

Mas ela não parou de seguir Albert, ela começou a correr e ele continuou se afastando até que em pânico imaginou-se subindo, ela parou olhando para cima, molhada no meio da calçada. Ficou ali bastante tempo. Albert desligou a tela do computador.

-Que coisa estranha.

Sentiu que seu coração batia em um ritmo acelerado e não conseguia se acalmar, o que estava acontecendo, estava tendo alguma alucinação? Com medo ligou a tela, começou a escrever, tinha de consertar o livro. Deu vários enter para recomeçar.

Carol estava caminhando pela chuva chorando. Albert sentiu um aperto no coração precisava fazer ela se alegrar, não era para ser uma pessoa deprimida mesmo com tudo era para ser orgulhosa e forte.

-Não sou forte.

Disse Carol deixando Albert surpreso.

-Sei que voltou, parece que sinto seus pensamentos, pensou em mim orgulhosa e forte, não é?

Albert ficou calado.

-Por que fugiu daquele jeito?

Albert pensou que aquilo era loucura.

-Sim eu também acho isso uma loucura.

Albert deu um pulo na poltrona, ela estava lendo os pensamentos dele.

-Assustei você? Que bom, agora você sabe como me assustou me espiando.

Albert pensou que estava enlouquecendo. Carol parou de andar cabisbaixa e olhou diretamente para ele.

-Eu posso te ver, finalmente eu posso te ver.

Albert olhou para a tela negra com letras verdes de seu computador, usava a tela negra e letras verdes por lembrar ele dos tempos de escola e também por causa do filme Matrix.

-O que é Matrix?

-Meu deus estou louco.

-Oh, eu ouvi.

-Não pode ser.

Disse Albert.

-Posso ver você, aí nesta sala, estranho parece que é dia.

Albert estava a beira do pânico olhou em volta mas estava sozinho.

-Acho que posso tocá-lo.

Disse Carol e estendeu a mão para ele, ele sentiu a mão dela tocar seu rosto.

-Sua barba é dura.

Ele não a via diretamente olhando, via com a mente, mesmo não vendo nada a sua frente, ela estendeu a outra mão e tocou o outro lado do rosto.

-Será que consigo trazer você pra cá?

Ela o puxou com gentileza e ele se inclinou e acabou sendo puxado, viu-se de pé na chuva fria de Outubro, ela olhava para ele sorrindo e tremendo de frio.

-Oh, você está aqui, não estou louca, realmente aconteceu, eu puxei você e você veio.

Albert não sabia o que fazer, sentiu frio e tremeu.

-Vamos sair da chuva.

Ela fez sinal para um táxi que parou e ela entrou seguida dele, deu o endereço. Pagou com uma boa gorjeta ao táxista por ter molhado o carro, levou Albert que ainda não havia dito nada, apenas olhava em volta como se estivesse sonhando.

Entraram no hotel e ela pediu um outro quarto, não levaria ele para o quarto com as outras garotas porque queria saber quem era aquele homem. Ele entrou no quarto dos anos quarenta e tocou um abajur ao lado da porta ainda sentia frio.

-Aqui pegue estas toalhas e seque-se, eu volto já.

Disse saindo do quarto. Ele secou os cabelos e tirou os óculo, usava eles apenas para escrever ou ler, mas não tinha tirado eles ainda, olhou-se no espelho, era ele, o cabelo grande e molhado estava caído no rosto.

Foi ao banheiro e tirou a roupa molhada, torceu toda a roupa e colocou no aquecedor para secar, voltou a vestir a cueca e pôs um roupão, era de tamanho confortável, Albert não era um homem grande, tinha uma altura mediana, na verdade ele era um homem mediano em tudo, não era muito inteligente, nem muito bonito, nem charmoso, nem rico, apesar de Merryl dizer que seu livro já o transformara em um milionário. A porta abriu e Carol entrou, usava um vestido simples e confortável e uma blusa quente.

-Onde estão suas roupas molhadas.

-Eu as torci e pendurei sobre o aquecedor do banheiro.

-Oh, eu ia fazer isto. Quer beber algo?

-Acho que preciso de um café quente.

-Puro?

-Com leite e açúcar seria melhor.

Ela estranhou e sentou na cama pegando o telefone.

-Olá, gostaria de um café completo com uma cesta de frutas, sim, sim, obrigada. Qual o seu nome.

-Albert.

-Albert, que estranho.

-Por que?

-Você não tem cara de Albert.

Albert riu, nunca tinha ouvido aquilo, todos sempre recebiam seu nome com naturalidade.

-Acho que sabe o meu.

Albert exitou e disse o nome dela.

-Mirian.

Ela teve um choque mas ele foi apenas temporário, era claro que ele saberia seu nome, ninguém a chamara por aquele nome desde que saíra de casa para se tornar bailarina profissional.

-Você sabe muito sobre mim.

-Eu acho que sei de tudo.

-Tudo?

-Acho que sim, pode parecer estranho mas eu acho que sei mais sobre você que você mesma.

-Você é um mágico, pode ler a mente?

-Não, é só por causa das circunstâncias.

Mirian ia perguntar se ele sabia o que ela tinha feito mas a campainha do quarto soou e ela levantou para abrir a porta, o moço do hotel deixou o carrinho e esperou receber uma gorjeta.

-Oh, esqueci a carteira no outro quarto.

Albert alcançou sua carteira em cima da comoda onde deixara e abriu ela, haviam algumas moedas e notas pequenas, tenho cinco dólares alguns centavos.

-Oh, deixe-me ver.

Ela pegou uma moeda de dólar e deu ao moço que sorriu e saiu feliz. Ela olhou para o dinheiro com curiosidade.

Que notas estranhas são parecidas as nossas mas tem algo de diferente e as moedas também.

-Devia ter pensado nisto, tomara que o jovem não tenha problemas, esqueci-me totalmente que o dinheiro daqui é diferente.

-Com assim, dinheiro daqui?

-Eu não sou daqui.

-É claro que não é, eu trouxe você.

-Mas eu não sou desta época também.

-Não entendo.

-Não se assuste mas eu sou de dois mil e quinze.

Ela amoleceu e ele teve de segurar ela nos braços, ela conseguiu se firmar depois de algum tempo.

-Você veio do futuro?

-Na verdade eu não sei se aqui é o passado, não entendo o que aconteceu, é muito confuso, só sei que essa época é passado, pelo menos no meu mundo.

-Não entendo.

-Nem eu, nunca fui bom em física.

Ela ainda estava nos braços dele que a sustinha para que não caísse apesar dela já estar bem.

-Albert?

-Sim.

-Pode me soltar?

-Oh, perdoe-me.

Disse se afastando dela de modo abrupto e ficando envergonhado.

-Não tive intenção.

-Tudo bem, quer seu café?

-Oh, sim.

Ele preparou um café com leite e bastante açúcar deixando ela um pouco surpresa, todos os homens que conhecia preferiam cafés puros e este era louco por açúcar e leite, pegou alguns biscoitos também parecendo um menino que apenas havia envelhecido mas permanecera na infância.

-Como é este seu mundo?

-É semelhante ao seu, só que daqui quase um século.

-Existe pessoas morando na lua, ou cidades debaixo da água, ou homens máquina.

-Oh não, nada deste tipo, lembro de muitas revistas em quadrinhos e filmes deste período, temos muita tecnologia é verdade mas a maioria das coisas da ficção de agora ainda permanecem como ficção para nós, não existem nem carros voadores, apesar de termos máquinas voadoras muito eficientes e trens bem mais rápidos.

-Oh, o que você faz, digo para viver?

-Eu sou escritor.

-Escritor, que estranho, pensei que tivesse alguma coisa a ver com magia.

-Por que?

Perguntou Albert com um sorriso infantil e cálido, Mirian sentiu um interesse mais íntimo por ele e sentiu seus lábios secos, lambeu eles discretamente, era um homem interessante apesar de não ter o charme pavoneante da maioria dos homens, não se sentava duro, não fazia olhares sérios, não se segurava ao rir, isso a confundia e encantava.

-Se não trabalha com magia talvez trabalhe com máquinas que permitiram me ver, mesmo eu não podendo ver você.

-Não, é uma surpresa para mim também, nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer, mesmo agora, comendo estes biscoitos é como se eu estivesse sonhando.

-Então você não estava me espionando?

Perguntou ela com um pouco de decepção.

-Não posso dizer que não a observava, por que na verdade era exatamente isto que eu fazia.

Ela se animou.

-Por que fez isto, você é um depravado?

Ela perguntou aquilo com um ar brincalhão que ele não percebeu e respondeu embaraçado.

-Desculpe mas acho que você não acreditaria.

Ela viu que ele não percebera seu ar brincalhão mas ficou preocupada com o que ele disse.

-Por que eu não acreditaria?

-Por que eu estava escrevendo sobre você.

-Escrevendo sobre mim?

-Sim você está no meu livro.

Ela não acreditou logo nele, ficou irritada.

-Como assim livro, explique?

-Mirian, eu sempre traço um perfil dos meus personagens antes de escrever um livro para poder imaginar suas reações e neste perfil estão diversos segredos da vida deles mesmo que não apareçam em nenhum lugar do livro, eu escrevi que sua mãe deu o nome da tia dela para você, escrevi que você fugiu de casa com quinze e mentiu a idade em L.A para trabalhar como garçonete e pagar as aulas de dança, escrevi que você namorou aquele ator apenas para poder se projetar mas depois se arrependeu muito e sentiu que havia se prostituído, com isso decidiu nunca mais usar sua beleza como moeda para obter vantagens, lutou muito para conseguir seus trabalhos e fez coisas ruins para suas concorrentes, especialmente para aquelas que você considerava prostitutas.

Mirian estava em pânico, aquele homem realmente sabia muito

sobre ela, mas estar em um livro, isso era loucura.

-Então estamos em um livro?

-Acho que sim, apesar de eu não saber mais com certeza.

-No seu livro?

-Talvez.

-Então isto aqui não é de verdade.

Disse ela pegando a cafeteira.

-Suponho que seja, eu não sei.

Ela arremessou a cafeteira na parede fazendo a louça em pedaços com um estardalhaço.

-Mirian calma, eu disse que não era de se acreditar.

Ela começou a chorar e pegou a cesta de frutas e Albert pulou pegando a cesta da mão dela, a moça lutou com ele que teve de a abraçar para ela não acabar se machucando, continuou lutando e batendo nele que não evitou seus golpes aguentando ela que amolecia enquanto ainda o batia. Por fim ela cansou de lutar e desistiu mas ainda chorava e soluçava.

-Eu vi você naquela sala, era sua casa?

-Sim.

-Você estava escrevendo um livro?

-Sim.

-Mas como isso é possível?

-Eu não sei.

-E Jack, Juan, Mira... E Penny?

-Sim todos são personagens do meu livro, o livro na verdade é sobre Jack, ele é o personagem principal.

-Por isto ele é bonito e charmoso daquele jeito?

-É tão óbvio assim?

-Não sei, as outras garotas acham ele amedrontador.

-Oh sim, isso ele é, era esse o traço mais marcante da personalidade dele, aquela cara de pedra que ele faz quando olha um criminoso.

Mirian extremeceu nos braços de Albert, tinha visto aquele olhar algumas vezes.

-Ele sempre pega seus alvos?

-Bem, devia ser assim sempre mas eu já não sei se vou terminar o livro.

-Por que?

-Eu devo estar enlouquecendo, estou dentro do meu livro falando com uma das minhas personagens, eu serei internado em um manicômio com certeza.

Ela não pode evitar sorrir ao humor macabro dele que era engraçado e ao mesmo tempo infantil e sincero. Ele ainda estava a abraçando, sentiu o perfume suave dele que tinha um fragrância estranha mas agradável, olhou e viu a cafeteira no chão e a mancha de café na parede.

-Você deve estar decepcionado comigo.

-Por que?

-Você pensa em mim como uma mulher forte e orgulhosa e eu tenho me comportado como uma histérica.

Ela o encarou muito de perto e ele ficou vermelho, o azul escuro e profundo dos olhos dela estavam brilhantes, provavelmente abalada pelas revelações e pelos acontecimentos da noite.

-Oh, acho compreensível.

Disse ele se afastando dela, ela não deixou ele sair de perto, segurou ele pelo roupão, sentiu algo que não sentia a muitos anos, sentiu que podia ser ela mesma pela primeira vez desde que saíra de Santa Fé e beijou ele. Albert não resistiu ao beijo, ficou ali retribuindo ele com carinho mas sem volúpia, sabia que ela estava

em choque e aquilo podia ser apenas uma reação ao que ele tinha dito.

Podia ser que ela via nele um ser sobrenatural e portanto não via ele verdadeiramente, e mais, ele podia estar sentado em sua poltrona tendo um A.V.C e logo morreria ou acordaria em um hospital. Ela colocou a mão dentro de seu roupão e tocou seu peito, sentiu seus pelos e fechou a mão neles, ele pôs a mão na dela e retirou ela com cuidado mas, com insistência, afastou-se do beijo dela.

-Por que?

Perguntou Mirian.

-Desculpe, não acho apropriado.

-Como assim apropriado?

-Eu não sei o que você pensa de mim e não acho certo eu sabendo tanto sobre você, me aproveite deste conhecimento.

-Sabe qual minha cor favorita?

-Sim.

-Sabe qual minha fruta favorita?

-Sim.

-Já me viu nua?

-Sim.

Alfred respondeu antes de poder pensar na pergunta e ficou vermelho desviando o olhar dela, ela puxou seu rosto para a direção dela.

-Sabe minha posição sexual favorita?

-Não, isso não.

-Então vou mostrar.

Ela beijou ele novamente e ele que havia ficado excitado com a pergunta dela teve uma ereção imediata que ela sentiu ao colar o

corpo a ele, deitaram e ficaram se beijando e trocando carícias, ele era muito respeitador e ela teve de tirar o próprio vestido.

Ao passar a mão pelas pernas dele notou aquela peça de roupa pequena, era menor que tudo que ela já tinha visto, era menor que sua calcinha, ficou vermelha e sua excitação aumentou grandemente ao ficar ali olhando, podia ver que ele tinha uma ereção que quase saia daquela ceroula pequena e não pode evitar tirar ela e subir sobre ele.

Fizeram amor durante muito tempo, ele era meigo e gentil e até lento demais, mas ela sentia que ele se controlava para dar mais prazer do que recebia, ela teve um orgasmo suave mas doce e molhado, ficou ali aproveitando as sensações até que sentiu ele começar a fazer movimentos mais vigorosos e passar para cima dela e então se entregar ao desejo e levar ela novamente a um orgasmo só que desta vez intenso e debilitante antes de estremecer e desabar suado sobre ela, ela ofegava em meio aos tremores dos dois.

Era uma mulher experiente mas, nunca tinha tido um homem assim, não esperara ver alguém tão controlado e ao mesmo tempo tão intenso. Tinha alguma coisa em Albert que lembrava Jack naqueles últimos momentos antes dele ter o orgasmo. Não que ela tivesse dormido com Jack alguma vez, mas aquela paixão e impetuosidade.

-Está quieta, se arrepende?

-Não, só estava pensando, como você me inventou e o Jack?

-Você o ama, não é?

-Não.

-Oh, não?

-Por que a surpresa, acha que eu dormiria com alguém amando outro homem?

-Acho que não, pelo menos não do modo que eu havia idealizado você.

-Eu estive sozinha desde antes do show começar, Juan tem sido o único homem constante na minha vida nestes quatro meses mas ele é um cretino, todos que vão ao show só me veem como um corpo bonito e um troféu, Jack foi o primeiro que tinha um interesse real em mim, mesmo que fosse para me prender.

-Oh, não tinha visto desta maneira.

-Então eu posso surpreender o meu criador.

-Não sei se posso ser chamado disto, acho um exagero.

-Vamos ver, se estamos no seu livro, arrume a cafeteira pois estou com vontade de tomar outra xícara.

-Vou tentar.

Tinha estado intrigado, será que ele controlaria o que acontecia aqui ou por estar no seu sonho ele não tinha controle, concentrou-se e pensou estar escrevendo que a cafeteira estava de volta ao seu suporte na mesinha e tinha café quente nela. Abriu os olhos e não havia acontecido nada.

-Então?

-Acho que só consigo mudar as coisas quando estou na frente do computador.

-Computador, o que é isso?

-É um aparelho como uma máquina de escrever muito avançada, apesar do meu modelo não ser de última geração.

-Não consegue mudar as coisas, que deus mixuruca você é.

-Pare de bobagens, já disse que não sou nenhum ser poderoso, sou só um cara idiota que deve estar tendo um derrame cerebral sentado na poltrona no escritório de casa.

Ela riu do humor macabro dele novamente, viu que ele ficara chateado e não percebera a brincadeira dela, ele não era muito perspicaz.

-Calma, estava brincando.

Ficaram deitados com ela implicando com ele até que sentiram sono e ela ajeitou-se ao peito peludo dele, e dormiu, quando acordou estava sozinha no quarto e sentou na cama assustada, olhou em volta, levantou nua da cama e correu ao banheiro, a roupa havia sumido, os óculos e a carteira também.

Olhou para o carrinho do café a cafeteira estava intacta sobre seu suporte, a mancha de café na parede sumira e ao abrir a cafeteira sentiu o aroma do café recém passado nela, parecia recém fervido, sentiu-se dorida, verificou-se, estava melada por ter feito amor com aquele estranho, ela percebeu que não fora um sonho afinal.

-*-

Albert acordou assustado, estava sentado na sua poltrona, suas roupas estavam úmidas, teve medo mas olhou para o computador, estava com a tela apagada, devia ter entrado em hibernação.

Ficou em pânico, o que havia acontecido, olhou a hora em seu celular, havia várias mensagens, meia noite, ficara várias horas cochilando ou dormindo, levantou sentindo um pouco de dor ter ficado em uma só posição muito tempo.

Foi ao banheiro social, lavou o rosto, foi até a cozinha e espirrou, subiu para o quarto e tirou aquela roupa úmida, devia ser suor, colocou no cesto de roupas sujas e colocou outras, sentiu muita fome.

Desceu para a cozinha, pegou um pote de biscoitos no armário e sentou na sala de tevê, ligou o aparelho e ficou procurando o que assistir, nada pareceu interessar ele e desligou, ficou ali no escuro comendo biscoitos e pensando no que havia acontecido.

Devia ser um surto de algum tipo, decidiu subir, demorou muito para dormir, ainda atormentado pela lembrança e pelas dúvidas, assim que acordou no dia seguinte ligou para o psiquiatra e agendou um horário para o mesmo dia.

Passou o tempo sentindo-se culpado, envergonhado e confuso,

havia sido uma experiência boa, visitar Chicago dos anos quarenta, mesmo que não passeou pela cidade, só de estar lá, ver bondes, pessoas, carros, tudo daquela época foi algo fantástico e Mirian, não sabia o que pensar sobre ela.

Chegou com grande antecedência e ficou andando de um lado para outro até que a atendente veio e pediu que ele aguardasse na sala de espera ao lado, era uma sala muito mobiliada com mesas de alturas variadas, era difícil andar em meio aquela multidão de móveis, achou melhor sentar em uma poltrona. Ficou ali esperando até que o médico apareceu.

-Albert, como tem passado.

-Oh doutor Benson, eu estive bem até ontem.

-Venha.

O médico o conduziu até o consultório e Albert sentou-se muito inquieto.

-Pode me contar o que ocorreu ontem?

-Eu estava escrevendo meu livro atual, e do nada comecei a ter alucinações.

-Alucinações? Seja mais específico.

-Uma das personagens do livro começou a falar comigo doutor.

-Você diz diretamente, você viu ela no mesmo recinto?

-A princípio não, ela começou a se comportar como se alguém a estivesse espiando e por fim descobriu que eu estava escrevendo sobre ela e falou comigo e depois me viu.

-E mais alguma coisa?

-Aí que tudo ficou mais estranho, ela conseguiu me tocar, primeiro eu só a via com a mente, mas senti suas mãos e ela me puxou e me vi na chuva com ela.

-Chuva?

-Sim, desculpe, eu havia escrito que estava chovendo e ela me

puxou para chuva.

-Você diz, para dentro do livro?

-Sim.

-E depois?

-Ela me levou ao hotel dela e alugou um quarto para que eu pudesse me secar.

-E ela?

-Ela tinha outro quarto que dividia com as colegas e depois de um tempo voltou com roupas secas.

-roupas para você?

-Não, desculpe, ela voltou usando roupas secas, minhas roupas estavam secando no aquecedor do banheiro e eu estava de roupão do hotel.

-Continue.

-Ela pediu serviço de quarto por que eu estava ainda com frio e pedi um café, tomei o café e comi biscoitos amanteigados, diferentes dos que eu tenho em casa que são com gotas de chocolate.

-Você sabia que estava no livro?

-Sim e ela desconfiava, apesar de não reagir muito bem quando eu expliquei, afinal ela queria saber porque eu a espiava, eu não a espiava, ela era apenas minha personagem então eu não sabia ao certo como tratar a situação, era muito confuso e por fim ela meio que aceitou que eu dizia a verdade afinal ela tinha estendido as mãos para o nada e trazido um homem para a chuva.

-Ela aceitou tudo com tranquilidade?

-Oh, não ela teve uma crise de nervos e tive de segurar ela para não quebrar todas as coisas no quarto, ela por fim se acalmou e pudemos conversar ela me questionou sobre a realidade e eu contei muito superficialmente sobre este mundo, por fim eu percebi que ainda segurava ela pois tinha abraçado ela para conter seu ataque

de histeria, ao tentar me afastar ela não permitiu e me beijou.

-Beijou você?

-Sim eu sei que parece ridículo, mas parece que eu entendo a reação dela, eu tinha contado muitas coisas sobre ela, inclusive segredos que ela guardava a anos e ela sentiu uma confiança e até parece que alívio de poder se abrir com alguém e por isso me beijou.

-Por que alívio?

-Bem ela é a suspeita no livro e o detetive está pressionando muito ela, apesar de haver um clima romântico entre os dois.

-Mas ela beijou você.

-A princípio fiquei desconfiado que foi por me achar um ser sobrenatural ou talvez um tipo de deus, afinal eu tinha falado de coisas ocultas do passado dela e a forma como ela me levou davam razão para ela, então eu tentei evitar o contato.

-E ela?

-Ela não permitiu eu me afastar, se insinuou para mim até que por fim dormimos juntos.

-Dormiu com sua personagem?

-Sim mas ao acordar estava no meu escritório e minhas roupas estavam úmidas como se ainda não estivessem completamente secas, olhe doutor eu sei que é loucura, e mesmo estando neste sonho, alucinação, sei lá, eu estava ciente que era loucura, e eu pensava todo tempo que ia acordar em um hospital por ter tido um derrame ou estaria em uma camisa de forças em um manicômio, estou ficando louco somente de pensar como aquilo pareceu real.

-Albert, acalme-se, com certeza foi uma experiência marcante para você e devido a imensa criatividade que um autor tem, todos os detalhes são extremamente reais, apesar de toda a sua preocupação foi apenas um sonho, não me parece uma alucinação ou mesmo um sintoma de alguma doença mental, esquizofrenia pode apresentar alucinações muito complexas mas os sinais de comportamento errático são perceptíveis muito antes de chegarem

a imersões totais, e acredite-me, só o fato de você estar aqui preocupado por ter passado por isto é um sinal de completa sanidade, vou lhe receitar alguns comprimidos para acalmar seus nervos e você deve se afastar do livro por pelo menos duas semanas, vá viajar ou fique em um hotel, só não fique em casa sozinho ou escrevendo o livro e depois volte a suas atividades normais.

-Só isso?

-As receitas mais simples são as mais eficientes, ligue-me imediatamente se sua personagem aparecer novamente sem você estar em contato com o livro.

-Tudo bem, vou passar uns dias na casa da minha irmã em Boston.

-Ótimo.

Albert saiu do consultório ainda muito abalado por causa do sonho, não sabia realmente o que fazer, ligou para Merryl a caminho do carro.

-Merryl? Sim, sou eu, desculpe estive ocupado com o novo livro, sei que ainda é cedo mas a história estava me martelando, não, não, precisei voltar ao doutor Benson, não, não, Merryl, eu não liguei para Beth e nem retornei as mensagens dela ok, não Merryl, eu não gosto mais dela, foi só uma paixão passageira, claro, Merryl vou ter que me afastar de casa por uns tempos, acho que vou para casa da minha irmã em Boston, se ela puder me receber, senão irei para Miami ou Orlando, preciso me afastar do livro por um tempo tive um sonho muito perturbador e não consigo me livrar dele, preciso me afastar mesmo, vou ficar bem, se minha irmã não puder me receber, pode vir comigo para Miami, ué não é você que diz que pega brotinhos, está bem, também amo você, não vou sumir, só vou para Boston.

Entrou no carro e ligou em seguida para Amanda.

-Oi Amanda, também estou com saudades, Amanda preciso saber se posso passar uma semana ou duas em Boston, não, não Amanda, vou ficar, Amanda, está bem, está bem, mas não quero incomodar,

quero somente ficar perto de você alguns dias e levar você e o Luke para jantar, não, está bem, eu vou, acho que saio amanhã cedo então umas dez estarei chegando, vou comprar a passagem e te aviso, beijos.

Ligou o carro e foi para casa, ligou e reservou lugar no voo das seis horas, seria um pouco mais cedo que o que havia planejado mas era um voo direto até Boston então estava bom, não queria passar por New York, não se aproximou do escritório.

Pediu comida chinesa e acabou o seu estoque de biscoitos abertos, viu que na geladeira havia algumas coisas perecíveis e decidiu comer uma parte e reservar outra parte para assim que acordasse, o restante colocaria no lixo. Dormiu logo e acordou muito cedo, comeu além da fome e jogou os perecíveis que sobraram fora.

Esvaziou as lixeiras de toda a casa exceto o escritório, chamou um táxi e levou a bagagem para a porta da frente, voltou e pegou os sacos que havia recolhido, colocou na caixa do quintal que ficou cheia, devia tes esquecido de colocar o lixo para fora, na volta poria ela na rua.

Entrou em casa e aguardou, o táxi logo chegou, o táxista veio ajudar com as malas, chegou com tempo para esperar o voo que foi tranquilo, Amanda estava esperando ele na saída do aeroporto, correu para ele e deu um beijo como sempre, Luke não veio, devia ter ido trabalhar, adorava a irmã mas não era muito próximo do marido dela.

Eles ainda não tinham filhos por causa da carreira dela, os pais deles sempre diziam que queriam netos mas isto não importava para Albert, o que importava era ela estar feliz, eles haviam morrido a dois anos em um acidente de carro, os irmãos não ficaram de todo tristes porque eles partiram juntos, eram felizes e tinham criado os dois muito bem.

Amanda era mais velha três anos e era formada em educação sendo diretora de um colégio e Albert havia sido professor até descobrirem seu potencial como autor, sentia certa tristeza dos pais não terem visto seu primeiro best-sellers apesar de verem quatro de seus livros serem impressos e estarem vendendo bem, sentia-se

feliz deles não terem visto o fracasso aparente do quinto livro.

Esteve na casa da irmã até que não pôde mais resistir ficar sem escrever, ficava rabiscando textos em seu caderno de notas durante as tardes na escola que ela dirigia, tinha dado aulas no lugar de algum professor que precisou se ausentar e relembrou a alegria e as dores de cabeça de lecionar, estava muito feliz de ter vindo, sentia-se pronto para voltar e por o livro em ordem, em uma das tardes, uma professora se aproximou dele na biblioteca no intervalo.

-Desculpe, você é Albert Collins, o autor?

-Por que a pergunta?

-Soube que era irmão da diretora Wilkins mas ao vê-lo reconheci logo.

Mostrou o livro de escopeta Jack, Merryl insistira em por uma foto dele na capa e isto sempre fazia as pessoas reconhecer ele, Albert foi agradável, não queria magoar uma fã.

-Você me pegou, pensei em passar despercebido mas acho que falhei.

Ela riu encabulada e estendeu o livro para ele.

-Poderia autografar?

-Claro, para você ou para alguém?

-Para mim, Madelane Potter, senhorita Potter.

-Oh, sim.

Albert escreveu com aquela sua letra redonda e perfeita de professor de inglês uma dedicatória simples.

-Para senhorita Potter, com carinho, Albert Collins.

Ela ficou vermelha, não teve muito sossego depois disto por que sempre aparecia alguém para ele autografar o livro ou tirar selfies com ele que ficava encabulado pela atenção, uma das alunas mais velhas não se conteve e beijou ele deixando seus lábios borrados de

batom, ficou envergonhado e vermelho fazendo todos rirem.

Logo Merryl passou de curiosa para impaciente perguntando se ele não iria voltar mais, teve de acalmar ela dando a data de seu retorno, ela insistiu até no horário. Estava sentado a mesa de jantar no último sábado antes de partir no domingo.

-Albert quer assistir o jogo comigo?

-Oh, desculpe Luke, não sou fã de esportes.

-Tudo bem.

Luke se levantou e foi para a sala assistir um jogo de baseball, ele ficou ali tomando vinho com a irmã.

-Madelane perguntou se você está saindo com alguém, ela está caidinha por você.

-Amanda.

-Ué, você está sozinho não é?

-Sim, mas...

-Então por que não sai com ela?

-Ela está pensando no Jack e não em mim, acha que eu posso ser um tipo de herói que me escondo em um personagem de livro.

-Você é mórbido, Madelane sabe claramente que o autor não tem nada com os personagens.

-Será? As vezes eu acho que todos os personagens são um pedaço de mim, o problema é saber qual parte.

-Você está apaixonado.

-Eu? Por que?

-Você não fica deste jeito desde a Peggy.

-Amanda isto novamente.

-Ué, é verdade, aposto que tem escrito poemas.

Albert ficou um pouco embaraçado.

-Você viu meus rascunhos?

-É claro, acha que eu ia deixar de xeretar suas coisas só por que você está mais velho?

-Mandy por que você é tão insuportável?

-Oh, você não me chama de Mandy desde que nossos pais morreram.

-Desculpe.

-Não, eu ainda gosto, só que faz lembrar deles.

-Eu sinto falta deles, sinto que eles não tenham visto que eu consegui pelo menos um bom livro.

-Eu gostei de todos.

-Você trabalha como diretora então não entende muito de literatura.

-Está me chamando de burra?

-Bem não precisa ser um gênio para ficar sentada em uma sala fingindo que trabalha.

Ela jogou a rolha da garrafa nele e serviu mais vinho. Albert se despediu dos dois na entrada do aeroporto, Amanda o abraçou chorando e deu um beijo nele, Albert ficou envergonhado porque o cunhado sempre olhava de canto pra ele depois de Mandy beijar ele na boca, entrou pelo saguão e foi para o seu portão de embarque.

Estava na hora de encarar sua nêmesis, era como ele tinha pensado naquele livro, não tinha parado de pensar em Mirian um só segundo desde que acordara naquele dia, tinha ainda um medo terrível mas não podia evitar ter de encarar a realidade, foi apenas um sonho, apesar de sentir tanta vontade que tivesse sido verdade.

Chegou a Chicago em duas horas e meia, conseguira um voo direto novamente, ficou surpreso, Merryl estava esperando por ele.

-Como foi?

-Foi bom, dei aula três dias.

-E?

-Prefiro não voltar a dar aula tão cedo.

Merryl riu dele, ajudou ele a por as bagagens no carro dela.

-Em dois dias vai haver uma recepção para entrega do seu primeiro prêmio.

-Prêmio?

-Sim, você não tem acompanhado o Tribute?

-Não por que?

-Escopeta Jack está em primeiro na lista de best-seller e por isso o Tribute quer entregar o prêmio de mais vendido.

-Semana que vem entrará outro no lugar dele.

-Sem dúvida mas prêmio é prêmio e este livro alavancou a venda de todos os outros até aquela sua ovelha negra está despertando curiosidade e vamos ter de fazer uma nova tiragem.

-Oh, O Fantasma Do Hoje está vendendo?

-Sim apesar de não ser nada comparada ao Jack, como estão as coisas?

-Tive muitas ideias enquanto estive afastado, foi bom, inclusive escrevi vários poemas para incluir naqueles que havia escrito antes.

-Não vou imprimir ele para Beth.

-Não, acho que foi bom você ter segurado ele, agora sinto que estou mais maduro e percebo que o que eu escrevi não foi para Beth, foi para uma mulher imaginária que eu pensei ser Beth, ela chegou em uma hora de muitas mudanças na minha vida e eu pensei que ela era parte das mudanças mas não era, por isto tenho pensado em eliminar dois ou três dos poemas e adicionar os quinze que já estão prontos.

-Faça sua alteração e me envie para que eu possa avaliar e podia escrever um pra mim pelo menos.

-Mas tinha um pra você não percebeu?

-Qual?

-O perfume da rosa.

Ela olhou para ele e quase atropelou um cone, voltou a tempo de evitar o acidente e parou o carro no acostamento.

-Mentira.

-Oras você não entendeu quando eu disse que, “seu toque me guia pelo prazer da magia das palavras”.

-Oh.

-Quem é minha editora?

-Oh.

Ela continuou dirigindo sem dizer mais nada, deixou ele em casa, beijou ele e partiu, ia reler o poema novamente, sabia que era lindo mas tinha pensado que tudo era para Beth e não tinha atentado aos detalhes, Albert guardou as malas dentro de casa, havia um odor de poeira no ar, teria de limpar ela toda, saiu e pôs o lixo para rua.

Abriu toda a casa e ligou a ventilação, espirrou e sentiu seu nariz trancar por causa da poeira, ainda era sensível, mesmo depois de anos ainda parecia um adolescente com rinite. Demorou várias horas limpando tudo até que sentiu que seu nariz se liberava, farejou o ar e não sentiu nenhum cheiro de poeira.

Limpou o escritório com o aspirador até que nenhum pó flutuasse na luz do entardecer. Estava cansado mas terminara a faxina, sua mãe era uma mulher rigorosa e uma professora mais rigorosa ainda, lecionava inglês e literatura e por isto ele acabou seguindo o mesmo caminho em parte.

Gostava de ciências e não gostava de ler, porém sempre tivera aquela tendência para escrever e portanto escolheu inglês, o pai ficara chateado por que nenhum dos filhos tinha escolhido exatas, mas um matemático em casa era o suficiente. Lembrou deles com carinho. Limpou o retrato deles na sua formatura e pôs ao lado do computador.

Ainda não havia religado a máquina, tinha estado receoso desde

que chegara e ao mesmo tempo esperançoso, sabia que era um loucura mas se dissesse para Merryl que a mulher imaginária que inspirara seus novos poemas era sua personagem do novo livro sobre Jack, ela ia surtar e levar ele direto para uma clínica de repouso.

Pediu uma pizza imensa, era a maior de Chicago, comeu ela com apetite, podiam dizer que as pizzas de New York eram as melhores mas para ele nenhuma batia as pizzas de Pepperoni de Chicago, pegou a caixa, com quatro fatias e guardou na geladeira para mais tarde, adorava comer pizza fria, foi comendo outra fatia até o escritório.

Levava consigo a cafeteira limpa e recarregada, o leite com açúcar já estava sobre a mesinha de café. Ligou a cafeteira e escutou o som gorgolejante e o cheiro do café forte brasileiro que ele sempre comprava, estava morrendo por um café, amava a irmã mas o café dela era horrível.

Assim que tinha um pouco pronto ele comeu o último pedaço da fatia de pizza e preparou uma xícara, sentou na frente do computador e ligou a máquina, ela havia hibernado então foi direto para o ponto em que havia parado, ele leu o que aconteceu a Mirian quando ela acordou sem ele por perto.

-Sabia, não fora um sonho afinal?

Estava tudo ali, tudo que acontecera, era como se alguém tivesse escrito na sua ausência, podia reler até o que sentia, ficou embaraçado na parte que estavam fazendo amor e riu dos pensamentos dela sobre ele, realmente não tinha entendido quando ela falava de modo brincalhão com ele, intrigado voltou a escrever.

Carol estava com dor na panturrilha, tinha estado muito tempo de pé parada junto ao senhor Pierce, ele era um homem enérgico e mesmo que fosse um perfeito cavalheiro não tinha a mínima noção de como era cansativo ficar ali de pé com aquele salto tomando notas de suas atividades. Massageou a perna e parou subitamente.

-Albert, é você?

Albert não disse nada estava intrigado com o que via em sua

mente.

-Onde esteve, pensei que tinha ficado louca, mesmo tendo visto a cafeteira consertada.

Albert permaneceu ali perplexo.

-Por que não responde?

-Oi.

A expressão de Carol fechou em uma carranca de mau humor e continuou sua datilografia lenta de aprendiz. Albert continuou em silêncio enquanto ela esteve de mau humor, o relógio deu as cinco da tarde e ela pegou sua bolsa.

-Carol, nós vamos ao cabaré mais tarde, gostaria de nos encontrar lá?

Disse uma das outras moças do escritório dela.

-Não Cristie, eu tenho que estudar e tenho que resolver um problema com alguém.

-Oh, ele é bonito?

-Um pouco mas é um imbecil.

-Oh.

Ela continuou em silêncio até chegar ao ponto de bonde e aguardar ali,

-Você é mesmo um imbecil.

Pouco depois um bonde parou e ela entrou assim que algumas pessoas desceram, ela estava com ar de cansaço e Albert não sabia o que estava acontecendo, finalmente ela desceu e andou algumas quadras até uma pensão para moças, a senhoria era uma senhora idosa e muito carrancuda.

-Boa noite senhora Bronstone.

-Boa noite menina, está com cara de cansada, vou levar algo para você daqui a pouco.

-Obrigada senhora Bronstone.

-Onde esteve.

Disse ao fechar a porta do pequeno quarto, havia cama e armário e um toucador com cadeira.

-O que aconteceu?

Perguntou Albert intrigado com o que via.

-Perguntei primeiro.

Ela tirou a roupa ficando somente de lingerie e depois pôs um pijama de flanela confortável e deitou na cama olhando para cima e portanto diretamente para ele.

-Eu vejo você apesar de ainda poder ver o teto.

-O que...

-Onde esteve, você sumiu por duas semanas, me deixou louca, pensei que tinha acontecido algo, que aquele seu papo de estar louco era verdade ou que tinha realmente tido um tipo de derrame.

-Estive viajando.

-Viajando? Exclamou ela um pouco mais alto do que pretendera. Alguém bateu a porta.

-Carol?

-Sim senhora.

Ela levantou e abriu a porta, a mulher lhe entregou uma bandeja com uma tigela de sopa encorpada, pão com geleia e uma maçã.

-Obrigada senhora Bronstone.

-Que nada, gosto

de moças trabalhadoras.

Disse a mulher esticando a cabeça para o quarto.

-Pensei ter ouvido uma conversa.

-A senhora sabe, eu tenho mania de ler um pouco alto, desculpe.

-Oh, não querida, pode ficar tranquila, estude, se eu tivesse tido coragem, teria estudado quando jovem mas as coisas não eram assim naquele tempo.

Mirian dispensou a mulher. Comeu com apetite enquanto brigava com Albert.

-Ficou passeando por aí e nem pra dar notícias, é assim que são os homens na sua época?

-Me perdoe mas eu realmente pensei que enlouqueci e ainda acho que estou completamente louco só por estar falando com você.

-Mas e eu como fico, sabe o que eu tenho passado por sua causa?

-Por que está aqui?

-Eu deixei o show.

-Por que, você era tão feliz?

-Eu não era feliz, estava apenas cega pelo sonho de ser uma bailarina famosa, mas você me fez ver a realidade.

-Que realidade?

-Que as vezes nossos sonhos são apenas ilusão.

Sem pensar Albert recitou um pedaço de um poema que havia escrito pra ela.

-...fico ali deitado na areia olhando para o mar de vidro com a lua iluminando os passos dela sobre a água como se fosse seu palco, como um pluma brincando ao vento e movendo mesmo sem querem meu coração...

-Que lindo, quem escreveu?

-Fui eu.

-E pra quem?

Disse voltando ao mau humor.

-Pra você.

-Mentiroso.

-É verdade, apesar de ter me afastado e ido para casa da minha irmã em Boston eu não pude deixar de pensar em você então escrevi alguns poemas.

Ela havia terminado o jantar, comera toda a comida, devia ter estado com bastante fome.

-Leia algum pra mim.

Albert buscou seu caderno e leu para ela o poema inteiro que havia recitado uma parte terminando.

-... e ele entrega sua sanidade no altar do amor pois é a única coisa que lhe resta.

Percebeu que ela havia adormecido e ressonava baixinho, ficou ali olhando ela durante muito tempo. Olhou a ora no computador e viu como era tarde. Desligou a tela e foi a cozinha, comeu a pizza gelada e foi dormir, pensando que realmente havia enlouquecido. Na manhã seguinte correu para o computador e ligou, ela estava terminando de vestir-se para sair para a escola.

-Oh, me preocupei que tinha sumido novamente, desculpe eu ter caído no sono.

-Você estava realmente cansada, não é?

-Eu ensaiava durante seis horas por dia, mas ficar de pé anotando tudo que o senhor Pierce fala é muito mais cansativo, e depois, ter que escrever tudo na máquina é tão ruim quanto.

Ela passou pela senhoria dando um bom dia apressado e saiu correndo para pegar o bonde, comprou um pacote de bananas no carrinho do verdureiro e chegou enquanto o bonde estava se preparando para partir, pulou para dentro e pagou a passagem com o troco das bananas.

-Tem sido uma correria, estudar e trabalhar.

Ela falava realmente baixo porém Albert entendia completamente, pois afinal ela falava na cabeça dele, ela ficou ali explicando tudo que havia acontecido.

-Como eu disse, eu deixei o show, Juan pensou que eu estava

tentando aumentar meu salário e me ofereceu cinco dólares a mais, mas por fim entendeu que eu ia sair realmente, ele ficou furioso e me ameaçou com um processo por quebra de contrato, eu sabia que ele podia fazer aquilo por que eu tinha de respeitar o que estava assinado mas eu não queria mais saber de dançar para os outros e como ele insistia e estava me irritando, não consegui me controlar e peguei a faca de passar manteiga e encostei na garganta dele, eu juro que eu estava a ponto de cortar ele mas as outras gritaram de medo e eu me contive, Juan ficou apavorado e disse que estava tudo bem e eu podia sair.

-E Jack?

-Ele me procurou e me achou quando eu estava deixando o hotel, pensou que eu estava fugindo e ficou muito mais desconfiado que antes e por isto ofereceu carona para mim que saí a procura de uma pensão barata e tranquila, ele me levou até a pensão da senhora Bronstone e eu me registrei lá o que foi uma sorte, como eu estou estudando e trabalhando não tenho tido muito tempo livre, ainda mais por que fico bastante cansada então a janta da pensão é um grande alívio. Jack ainda aparece pra fazer perguntas repetidas ou eu vejo ele sentado naquele carro preto dele me espiando, só que parece que está perdendo o interesse, já que estou trabalhando e estudando.

-Que pensa fazer com os estudos?

-Vou tentar fazer faculdade, não uma grande mas apenas para me formar, eu sempre gostei de ler e na adolescência eu lia bastante até os quadrinhos dos meus irmãos e depois de fugir de casa eu não tive mais tempo para ler e tinha até esquecido, mas quando encontrei você a vontade de ler voltou muito mais forte, penso em fazer história por causa disto.

-Não literatura?

-Pensei nisto também mas história me pareceu mais divertida.

-Mas e como tem se mantido.

-Bem, ser uma ex bailarina em West Town tem suas vantagens, escolhi o melhor escritório que encontrei e procurei emprego como

secretária aprendiz e o senhor Pierce me reconheceu na hora e me contratou, eu sou mais decorativa e ele adora se aparecer com uma secretária que já foi bailarina na frente dos outros, ainda mais se eles já tenham me visto dançar.

-Consegue se manter assim?

-Oh sim, chego muito...

Ela desceu do bonde, havia comido todas as bananas e andou apressada até que entrou na escola, foi direto para uma sala e sentou assim que o sinal soou, Albert ficou ali assistindo ela ter sua aula de álgebra, ela era inteligente e esforçada só que tinha dificuldades para ler algumas coisas no livro. Ao sair ele comentou.

-Precisa de óculos para leitura, talvez ajude também na escrita na máquina.

-Eu não preciso de óculos.

Ela disse brava, foi dali para um pequeno restaurante italiano e comeu um prato de massa a bolonhesa e depois foi para o escritório trabalhou escrevendo praticamente todo o tempo, quando não era na máquina era anotando os monólogos de Pierce. Ao sair estava tão cansada quanto ontem.

-Eu vou interferir.

-O que quer dizer?

-Vou alterar as coisas, você está muito cansada e precisa descansar, não posso permitir você permanecer neste ritmo.

-Não quero ajuda de ninguém.

-Não é ajuda Mirian é que eu quero ter mais tempo com você e não posso suportar ver você assim.

-Mas vai estragar todo meu esforço.

-Não, vou dar um jeito.

Albert pensou muito e descobriu um jeito dela ter um pouco de descanso sem realmente alterar o dia a dia dela, deixava ela viver a vida dela durante o dia e visitava ela nos sonhos, e os dois podiam

se tocar e conversar cara a cara, ele ainda ficava acompanhando ela as vezes mas em silêncio para não atrapalhar. Em uma das manhãs dela que, para ele, era ainda no dia seguinte a seu retorno para Chicago, ela foi parada por Jack.

-Olá Carol.

-Oi Jack, pensei que trabalhasse a noite?

-Sim mas estou seguindo uma nova pista.

-Ainda está tentando me incriminar?

-Não, na verdade estou tentando inocentar você.

-Não precisa de tanto esforço detetive.

-Fazer justiça não é esforço.

Albert ficou preocupado, a atitude de Jack era a mesma de quando ele tinha provas contra seus suspeitos e só esperava um deslize para fazer a captura. Sem querer Albert acabou caindo no mundo de Mirian, viu-se na calçada da rua dela, olhou em volta, sorriu e fechou a cara, olhou para ela e Jack conversando, sem pensar direito foi em direção dela.

-Albert o que faz aqui?

-Desculpe o atraso, está pronta pra ir?

Jack ficou aturdido com a chegada do homem, ele tinha quebrado sua concentração e também todo o clima para tirar uma confissão de Carol. Ela ainda estava surpresa mas estendeu a mão e ele a levou dali, Jack voltou para o carro mas ficou de olho nos dois, assim que chegaram ao ponto ela abraçou o tal de Albert e o beijou apaixonada, Jack anotou o nome no seu bloco e colocou uma interrogação no lado, entraram no primeiro bonde que apareceu.

-Ele estava quase dando o bote em você, por isto tive de vir.

-Bote?

-Sim, ele sabe de algo que pode incriminar você ou pensa que se te forçar com aquilo pode fazer você se contradizer.

-Oh.

Albert pensou e foi como se lembrasse de algo.

-A pistola estava com uma munição intacta, somente quem conhecia o uso daquela arma conseguiria disparar apenas um tiro por vez, uma pessoa que desconhecesse a arma ou teria atirado com os dois canos ou teria de tirar uma munição para poder fazer um disparo apenas.

-Oh.

Disse Mirian surpresa.

-Maldição, eu não havia pensado nisto.

Disse Albert, Mirian viu que ele estava bravo, não tinha visto ele xingar nem uma vez até agora, apesar da tensão que sentia ela achou aquilo divertido, Albert estava pensando sobre seu livro, tinha idealizado em deixar outras pistas mas aquela era realmente muito boa, deveria tem pensado naquilo mas ainda poderia usar no livro, primeiro precisava retirar Mirian de circulação.

Chegaram a Hyde Park, mesmo tendo passado mais de setenta anos e quase tudo estar diferente, Albert sabia muitos lugares lindos para aproveitar e Mirian se encantou com a beleza do lugar. Ele penhorou o relógio de ouro que tinha ganhado de Merryl pelo best-seller e pegou quase mil dólares, o que deixou Mirian muito espantada, nunca tinha visto tanto dinheiro assim de uma única vez, ganhava quinze dólares por semana como secretária aprendiz de enfeite, e ganhara cinquenta por mês como bailarina com Sanchez livre da alimentação e estadia, mas ver mil em notas era a primeira vez. Albert guardou o dinheiro, um pouco em cada sapato, quando parou no banheiro de um café e apenas cinquenta na carteira. Almoçaram no café e seguiram com seu passeio, no fim da tarde foram até West Town e assistiram um filme no cinema, era um filme romântico que Mirian tinha tido vontade de assistir mas não tivera tempo ainda. Albert já havia assistido aquele filme duas vezes e a última foi com Beth, ela nunca tinha visto e ficou curiosa sobre o filme depois de Albert comentar que muitos livros se inspiram nas emoções que o filme transmite, quando o tema final tocou Mirian

estava chorando.

-Oh que lindo.

Albert engoliu em seco, Beth rira do final do filme e não vira a magia do sentimento humano retratado na obra, Albert pensou que foi ali que ele deixou de estar apaixonado por ela, só demorou muito tempo para entender.

-Você gostou?

-Claro, é muito triste e ao mesmo tempo lindo.

-É um dos clássicos do cinema de todos os tempos.

-Você já tinha assistido.

-Sim, duas vezes.

-E ficou aí quatro horas comigo.

-Claro, não quer dizer que eu não tenha apreciado, você chegou a assistir a entrega do Oscar?

-Sim eu trabalhei lá naquele dia, desde a premiação eu estava louca para assistir mas não tinha tido tempo ou dinheiro para ver, só não entendo por que ela insistiu tanto com aquele desprezível em vez de valorizar o que tinha?

-O coração é muito complicado, eu acho, podia acontecer com qualquer pessoa, com você ou comigo.

Ao chegarem no lado de fora do cinema Jack estava esperando os dois com aquela cara de nojo e ódio que fazia ao encarar bandidos.

-Quem diabos é você?

Disse Jack pegando Albert pelo colarinho, quase levantando ele do chão e prensando Albert contra a parede onde estavam os cartazes, as pessoas que saiam e passavam pelo cinema se afastaram assustadas.

-Jack, pare.

Gritou Carol apavorada. Albert pensou muito rápido e disse.

-Sou repórter.

-De qual jornal?

-Sou independente, vendo minhas matérias em diversos jornais da costa leste.

-Por que está se metendo na minha investigação?

-Eu não estou me metendo em nada foi só coincidência...

-Coincidências não existem.

-Pois é, acabei de pensar a mesma coisa.

Disse Albert desanimado.

-Fale homenzinho.

O irlandês era mais alto que Albert mas não mais que duas ou três polegadas, chamava ele de homenzinho para intimidá-lo apenas, Albert tinha criado Jack e não sentia qualquer medo daquela atitude dele, devia estar aborrecido porque Carol tinha se deixado levar quando se interpôs na tentativa dele de obter uma confissão.

-Jack por favor, está machucando Albert.

Jack viu que ela realmente estava desesperada e aliviou o aperto mas não soltou aquele repórter.

-Você está atrapalhando uma investigação, se está em busca de uma matéria procure em outro lugar.

-Eu não queria chamar atenção de ninguém.

-Agora é tarde você tem minha total atenção.

-Jack, eu sei que é um excelente detetive.

-É detetive O'Brian.

-Desculpe, sei que ninguém acreditou em você em Detroit, nem seu pai e mesmo assim solucionou aquele crime e por isso conseguiu o emprego de detetive aqui.

Jack voltou a aumentar a pressão.

-Como sabe disto?

-Já disse sou repórter, só que desta vez você está deixando passar coisas óbvias.

-Como ousa, eu vou colocar você em uma cela por uns dias.

Disse pegando as algemas.

-Pare Jack.

Carol pegou o braço dele e tentou lutar para que ele soltasse Albert ela estava chorando, aquilo o deixou paralisado.

-O'Brian, mande alguém exumar o corpo de Penny Fergusson o médico verificará que ela estava grávida, vai descobrir que ela não era a primeira bailarina que Sanchez deixava grávida e dispensava do espetáculo.

-Como você sabe disto?

-Já disse, sou repórter e acho que dos bons.

Jack revistou Albert e pegou a carteira dele, ao abrir viu um documento estranho logo na frente, era uma certificação de escritor, não entendeu bem o que era por ainda estar furioso, dizia Albert Lionel Collins e tinha um endereço de Chicago.

-Não suma senão eu vou caçar você, está me ouvindo?

-Sim.

Jack viu algumas possibilidades naquilo, deu uma olhada para Carol que tinha abraçado o repórter assim que ele o largara. Havia perdido ela para aquele homenzinho, devia ter sido menos duro focando suas suspeitas nela, se sentiu um tolo enquanto se afastou deixando os dois sozinhos ali na frente do cinema.

-Albert você está bem?

-Sim.

-Não sabia que Penny estava grávida.

-É que eu não tinha chegado na parte que Jack descobria a gravidez dela, por isto Sanchez deu o lugar de bailarina principal

para ela.

-Então eu?

-Não se culpe, fui eu que fiz você fazer aquilo, você não teve culpa, só agiu por que eu escrevi.

-Ainda não entendo como você pode controlar tudo. Você é como deus?

-Por favor, não, só estamos em uma história mas não sei porque estou aqui no meio de vocês.

Ainda se sentia muito estranho por estar em Chicago em mil novecentos e quarenta. Sabia que no ano que vem o japão atacaria Pearl Harbor e a América iria entrar na guerra e ela se tornaria mundial. Era surreal estar dentro de seu livro.

Mirian não parecia muito segura do que ele dizia, sobre não ser um deus, as vezes pensava nele como algum ser sobrenatural que parecia saber de tudo mas logo deixava a ideia de lado por ele parecer um bobo que não entendia quando ela fazia alguma brincadeira ou se comportava como um menino grande ou falava com aquela espontaneidade e sinceridade.

Foram para um hotel não muito luxuoso mas confortável, Carol não parava de perguntar coisas para Albert, ele era diferente de todos os homens que ela já conhecera, era desinteressado, olhava ela com carinho e afeto sem nenhuma luxúria, não era vaidoso e usava aqueles suéteres estranhos com gola de camisa mas, sem gravata e apenas uma camisa tipo pijama por baixo em vez de paletó e isso era um diferencial muito grande de todos os outros homens.

Tinha visto como algumas garota olhavam para a barba dele que apesar de aparada era grande, outra coisa bem incomum, tinha cara de professor ou médico apesar de dizer que era escritor. Nunca tinha conhecido um escritor então será que deviam ser assim?

Ficaram juntos aquela noite, era a segunda vez deles e ele foi mais intenso que da vez anterior, parecia ter deixado as reservas de lado deixando ela surpresa ao fazer coisas com ela que nunca outro

homem tinha feito, assim que amanheceu acordou sobressaltada, acalmou-se quando viu que ele ainda estava ao lado dela, ficaram aquele dia todo no quarto, trocaram carinho, amor e prazer.

-Vou perder o emprego.

-Você não precisará trabalhar nunca mais se quiser, posso escrever o que eu quiser e você poderá ser uma princesa em qualquer reino que desejar.

-Não quero ser tratada como um adorno.

-Não é isso que eu quis dizer, quero dizer que podemos aproveitar todo o tempo juntos.

No dia seguinte saíram para passear pela cidade.

-Preciso que me leve ao seu banco.

-Por que?

-Tenho que guardar este dinheiro, não é muito seguro andar com ele por aí e também não quero deixar no hotel.

-Vai abrir uma conta? -Não posso, vamos depositar na sua.

-Oh, não, na minha conta não.

-Precisamos colocar em algum lugar.

-Não quero que você me sustente.

-Não é isso Mirian, eu preciso guardar este dinheiro e você poderia me fazer o favor de ficar com ele, pode ser que eu demore a voltar mas pelo menos eu estaria mais tranquilo.

Albert traria mais alguma coisa com ele para poder penhorar na próxima vez que viesse, não sabia quanto tempo ainda permaneceria ali ou se voltaria a sair um dia, podia ser que ele acabasse retornando ao seu mundo de uma hora para outra e não poderia deixar ela desamparada.

-Eu posso trabalhar.

-Então trabalhe, mas ter alguma segurança não é nada de mais, e ela perdeu realmente o emprego e também recebeu uma boa

reprimenda da senhoria da pensão.

-Me perdoe senhora Bronstone mas eu reencontrei uma pessoa e decidi ficar com ele.

-Menina você tem certeza?

-Sim senhora eu o amo.

-Bem se quiser voltar estarei aqui.

-Muito obrigada por tudo senhora Bronstone, a mulher entendeu a contra gosto.

-Essas jovens de hoje se perdem por qualquer rapaz, pensam que são Scarlett O'Hara.

Albert e Mirian estavam passando por uma banca e viram a manchete no jornal, detetive Jack O'Brian prende Rafael Jensen vulgo Juan Sanchez por estupro e abandono de vulnerável e envolvimento também no suicídio da dançarina Pennelope Fergusson.

-Oh, foi você?

-Não, foi Jack mesmo, acho que ele preferiu não seguir seu instinto desta vez.

Albert recitava frequentemente partes dos poemas que havia escrito para ela que as vezes chorava e as vezes beijava ele com tanta paixão que as pessoas em volta olhavam com reprovação pela falta de pudor dos dois, voltaram ao quarto e tiveram uma noite cheia de amor, suspiros e prazer.

Assim que o dia amanheceu Albert abriu os olhos, estava deitado no chão do escritório, estava de camiseta, cueca e roupão, o relógio de ouro estava em cima da mesinha do café, sabia que ele não teria ficado no livro, olhou para o monitor, estava escuro, ele voltara, então o que fazia ele voltar era a hibernação do computador.

Levantou com dificuldade, estava faminto, a cafeteira estava vazia. Foi a cozinha, olhou no armário, estava vazio, tinha esquecido de comprar comida, conferiu o celular, era manhã do dia da premiação, tinha imaginado que o tempo era relativo no livro,

poderia viver uma vida toda com Mirian lá sem se passar mais que alguns dias aqui.

Tomou banho e foi ao mercado, fez compras e pegou um burrito gigante na padaria do mercado para comer no carro, retornou as mensagens que tinha recebido com exceção das de Beth, ligou para Merryl e sofreu a fúria dela sobre ele por não atender o telefone quando ela ligava, tinha aparecido a oportunidade dele dar uma entrevista mas ele tinha que confirmar ainda agora de manhã, seria no almoço de amanhã. Passou a ligação dela para o viva voz do carro.

-Eu não gosto de tudo isto Merryl, sou só um autor, não sou um superstar.

-Desculpe querido, mas isto é pelo seu quinto livro, não é pelo último, lembre que tem de levantar todos eles e esse tipo de coisa abre as portas para você poder escrever os livros que quiser, mesmo os que eu acho que não são tão bons de tiragem.

-Isso cheira a chantagem.

-Isso é chantagem Albert.

-Acho que é por isto eu te amo sabia, você é malvada mas ainda por cima faz isto para o meu bem.

-Seu bobo, li o poema novamente.

-E?

-Ainda não estou convencida que foi feito pra mim.

-...mesmo quando sua pétala cai seu brilho é uma estrela cadente que me guia como um viajante solitário pelo mar da vida...

Merryl sentiu um arrepio pelo corpo todo e um tremor leve no ventre, Albert sempre recitava ou lia com aquela voz profunda que não parecia dele e deixava todos que ouviam impressionados apesar que naquele momento ela sentiu-se muito mais excitada que impressionada.

-Pare, entendi, entendi, sei que estava falando da minha maturidade, estava me chamando de velha com delicadeza.

-Claro que não a flor não deixa de ser bela só por que perdeu uma pétala ou duas, e quando ela solta suas pétalas seu cheiro se intensifica.

-Se eu fosse mais jovem você ia ver uma coisa, eu ia te trancar em um quarto e te dar uma boa lição.

Albert riu, não sabia se ela estava brincando ou falando sério, riu por lembrar de Mirian pensando que ele não entendia bem os outros.

-Pode confirmar a entrevista mas por favor, eu não vou responder coisas que sejam pessoais tudo bem?

-Está bem, eu estarei junto.

-Ótimo.

-Você precisa pegar o smoking alugado as seis da tarde para a entrega do prêmio as oito, no centro de eventos do Tribute.

-Tudo bem.

Ele chegou no smoking branco com detalhes pretos, ficou realmente bem elegante, Merryl tinha muito bom gosto, foi recebido por ela que deu um beijo no rosto dele deixando uma marca na barba dele e fazendo-a ter que limpar enquanto ficava avermelhada por aquele pequeno deslize que levantou muitos comentários.

Beth estava na cerimônia também, não era um prêmio para escritores, era apenas uma lembrança simbólica pelo sucesso do livro, recebeu o estatueta do diretor do jornal e fez um breve discurso.

-Este prêmio reflete parte do que significa o livro escopeta Jack na minha vida, mas ele tem uma importância muito especial para mim pois demonstra o carinho que o livro tem recebido dos leitores e da crítica e eu sou imensamente grato por recebê-lo.

Houve aplausos e fotos dele exibindo o prêmio.

-Bom discurso, deu importância ao prêmio e deixou espaço para que outros maiores sejam recebidos sem precipitar desafetos pelo jornal.

-Só disse o que pensava.

-Então continue pensando direito e vai ficar tudo bem.

Merryl se afastou para sondar o diretor do jornal.

-Está bonito.

Era Beth,

-Você também.

Disse com sinceridade mas sem nenhum interesse, Beth pensou que ele nunca mudaria, sempre com aquele jeito desinteressado, decidiu ver se ele tinha conhecido alguém.

-Merryl está cada vez mais apaixonada por você.

-Pare Beth.

-É verdade, ela ainda não se declarou para você?

-Eu é que me declarei para ela.

Beth ficou chocada, ele estava ali com aquele martíni na mão ao lado do prêmio e disse calmamente que havia declarado o amor dele pela Merryl com aquele jeito sincero que sempre tinha quando conversava sobre qualquer assunto.

-E ela?

Não pode evitar perguntar.

-Disse que se fosse mais jovem ia me dar uma boa lição, mas ficamos nisto.

-Oh.

Beth sentiu uma mágoa profunda, mas não por Albert.

-Al, eu ainda te amo.

-Oh.

Fez ele realmente surpreso.

-Beth, sinto muito mas nosso tempo já passou, e não digo isto por qualquer outra razão que não a verdade.

-Apesar de você pensar que está dizendo a verdade, eu sei que está mentindo.

Disse ela triste e deixou ele ali. Merryl voltou assim que pôde.

-Ela novamente, o que ela queria, levar você para a editora do pai dela.

-Não, ela disse que ainda me ama.

-Oh.

Merryl preocupou-se mas não disse nada.

-O que foi?

Perguntou para a mulher mais velha.

-Nada.

-Merryl.

-Está bem, e você ficou todo mexido e sensível pelo que ela disse?

-Na verdade fiquei triste por ela, ainda estes dias eu estive assistindo um filme com uma pessoa e ela achou o filme lindo e triste.

-E daí?

-Bem quando eu assisti com Beth ela riu da personagem sem nenhuma empatia, acho que foi ali naquele momento que meus sentimentos por ela morreram, só demorei a entender e foi isso que o doutor Benson me ajudou a ver, que eu não estava sofrendo por amor, estava sofrendo por ter deixado de amar.

-Quem era a pessoa que assistiu o filme com você?

-Mirian.

-Eu conheço?

-Não.

-É sério?

-Acho que sim, não sei, é complicado então só o tempo vai dizer.

Merryl sentiu um aperto no coração, sabia que Albert não era para ela, mas isto não queria dizer que não podia nutrir uma paixão secreta por ele, tratava com diversos autores, muitos estavam em patamares bem elevados e tinham médias de publicações melhores que Albert.

Entretanto ele transmitia muita emoção em seus livros, se um personagem sofria era como se Albert estivesse sofrendo com ele, fora dos livros ele era inseguro, e até insonso, achou que fora por isto que aquela mimada da Beth tinha terminado com ele, mas nos livros, no papel ele era intenso. Ficou ali conversando com ele e mais algumas pessoas que aproximaram-se para falar com o autor premiado.

Albert chegou em casa cansado, foi um evento chato, não pelas pessoas, mas sim por ele mesmo não gostar de participar de festas ainda mais onde ele era o centro das atenções, deixou a estatueta no balcão ao lado da porta onde costumava deixar as chaves e subiu para o quarto, tirou a roupa com cuidado pois precisava devolver na manhã seguinte, estava louco para ficar com Mirian mas apesar de tudo precisava descansar para amanhã ter sua entrevista, deitou na cama apenas de cuecas e pensou nela, no cheiro e na voz dela.

-Oi.

Ele olhou para o pé da cama, ela estava ali, ele estava meio sonolento e conseguiu dizer apesar de surpreso.

-Oi amor.

-Então você me ama?

-Acho que sim.

Ela deitou ao lado dele, estava com aquele pijama dela de flanela, retirou a calcinha e encostou-se a ele, ele sentiu o calor dela e despertou de sua sonolência, ela estava ali realmente?

-Está aqui?

-Sim, senti você e não sei como mas estou aqui.

Ele estava cansado mas puxou ela por sobre si, olhou para o rosto dela no escuro do quarto e viu que o olhava com afeto, beijou-a delicadamente, depois com amor, com paixão e por fim com loucura, ela sentiu ele ter uma ereção embaixo dela, retirou a cueca dele e o guiou para dentro de si, ele estava mais excitado que o normal mas conseguiu se manter junto com ela até que tiveram um orgasmo simultâneo que fez ela ficar ofegante.

Albert ainda ficou se movendo enquanto ela cravou as unhas nele não suportando o prazer que ele a fazia sentir e teve outro orgasmo, ela gritou e desabou sobre ele todo o corpo dela tremia, era a primeira vez que tinha dois orgasmo seguidos tão próximos e estava com medo de ter outro e acabar morrendo ali nos braços dele.

Ele pareceu perceber o quão sensível ela estava então ficou ali totalmente imóvel para que ela aproveitasse todo aquela sensação, por fim ela conseguiu se apoiar novamente, ao sentir que ele não estava mais ereto conseguiu se mover e ficar ao lado dele.

-Tudo bem?

-Se você continuasse eu ia morrer.

-Exagero seu.

-Não Albert, Albert, vou te chamar de ursinho a partir de agora.

-Por que?

Porque você não tem cara de Albert e é peludo, meigo e carinhoso assim como um ursinho.

-Oh.

Ela o beijou e eles dormiram abraçados, ele acordou sozinho, estava nu e os lençóis estava revirados, sinal que havia realmente acontecido algo, encontrou sua cueca no chão ao lado da cama, verificou e notou alguns arranhões nos locais onde Mirian havia lhe cravado as unhas, ele teria feito aquilo a si próprio?

Estava louco mas não importava, amava Mirian e se ela fosse apenas na cabeça dele, ele a amaria da mesma maneira, levantou e tomou um banho, saiu para o almoço e chegou no horário o que

agradou muito Merryl.

-Está com ar de felicidade, teve uma boa noite?

-Sim, uma ótima noite.

Ela desconfiou dele.

-Teve companhia?

-Merryl.

Ela o conduziu a uma mesa mais isolada.

-Olá sou Silvya Allens.

-Olá Silvya muito prazer conhecer você pessoalmente.

-O prazer é meu Albert, você é o autor do momento, está a várias semanas no ranking dos best-sellers.

-Desde o lançamento Silvya.

-Oh, não sabia Merryl, na semana passada assumiu a liderança dos autores de ficção e se continuar assim chegar ao topo de best-sellers em geral ainda este mês, o que acha disto?

-Bem eu acho que tudo depende dos leitores e o quanto eles se identificam com o livro, eu sou somente a mão que o escreveu, não sou nada além de uma pessoa normal tendo uma vida normal e fazendo aquilo que amo.

-Ele é muito modesto Merryl.

-E as vezes irritantemente sincero.

-Um homem sincero em Chicago, é quase um raridade.

-Perdoe Merryl ela é muito protetora e eu não sou tão sincero assim.

-Viu o que eu disse, irritante.

Todos riram e logo vieram os cardápios e ele pediu um martíni, lembrou de Jack depois de ter pedido, ele bebia sempre whisky quando estava sozinho mas sempre pedia martíni quando estava acompanhado, será que Albert tinha tirado aquilo dele ou vice e

versa?

-Então como estão as vendas de seus outros livros?

-Toda parte de vendas fica nas mãos de Merryl, eu só fico na parte de escrever, não estou muito a par do que acontece.

-Mas sabe que seu quinto livro tem uma baixa expressão comparada ao último.

-Oh sim, ele tem encontrado um pouco de resistência, apesar de que gosto muito dele.

-Mais que de Escopeta Jack?

-É uma pergunta difícil, se me perguntasse a duas ou três semanas eu diria que com certeza preferia O Fantasma Do Hoje a qualquer outro livro meu, mesmo os não impressos, mas acho que agora eu tenho ele empatado a um livro de poemas que estou terminando de preparar e com o novo livro de Escopeta Jack que esta me trazendo muitas emoções ao escrevê-lo.

-Então tem uma continuação na saga do detetive, tem previsão de quando será lançado?

-Ainda não, eu gosto muito dele mas é um livro problemático, vou ter que reescrever boa parte dele por causa dos personagens terem evoluído durante o livro e não poderem dividir a cena com Jack.

-Então tem um novo personagem em mente?

-Não diria um novo personagem mas uma nova abordagem do personagem, ela é muito complexa para figurar no livro de Jack, espero que ele me perdoe mas vou guardá-la só para mim.

-Parece que é uma paixonite de autor quem é a musa?

-Isso é segredo.

-Oh, ele é mesmo sincero e irritante Merryl.

-Com certeza Silvya.

A entrevista seguiu por um tempo até que Silvya se sentiu mais a vontade para perguntas pessoais.

-Você está solteiro no momento não é?

-Sim.

Disse Albert olhando para Merryl com desconforto e ela olhou para ele com reprovação.

-Por que a olhadela para Merryl?

-Porque eu não gosto de perguntas pessoais.

-Desculpe Silvya, eu havia avisado você sobre como ele fica quando é o centro das perguntas.

-Tudo bem, Albert eu quero saber mais sobre você para poder passar para os seus leitores, eles querem te conhecer, não apenas os personagens.

-Vou tentar responder.

-Obrigada, está solteiro mas está comprometido?

-Pode se dizer que sim.

-Como assim?

-Eu tenho um compromisso com alguém e torço para que ela também tenha o mesmo compromisso comigo apesar de não poder exigir isto dela.

-Hum e podemos saber que ela é?

-É segredo.

-Correndo o risco de te deixar zangado, não seria Beth Hess?

-Oh não, Beth foi uma paixão que não deu certo, temos um relacionamento amigável apenas.

-Mesmo tendo boatos dela ainda gostar de você?

-Acho que é só um rumor infundado, ontem mesmo estávamos conversando na festa da premiação pelo ranking dos livros e ela parecia feliz com sua nova conquista.

Era a primeira vez que Merryl via ele mentir, imaginou que fazia aquilo por conta da memória do amor que tivera por Beth e não

querer que alguém a importunasse com boatos.

-E a Merryl aqui não daria um par?

-Merryl é uma amiga querida e apesar de eu amar ela um pouco mais do que devia nós mantemos a amizade e o profissionalismo no nosso relacionamento.

Silvya ficou surpresa dele falar abertamente que gostava de Merryl e ela avermelhou mas não pareceu surpresa.

-Você tem família na região de Chicago?

-Não, minha irmã mora em Boston.

-Mas você é de onde?

-Detroit.

-Assim como Jack.

-Ele não é natural de lá mas cresceu em Detroit como eu.

-Tem muito de você em Jack não é?

-Acho que não, ele tem um senso de dever que eu penso não ter, e além disso ele é muito bonito e charmoso, o que eu não sou nem de perto.

-Você tem seu charme sim.

Disse Silvya.

-Muitas mulheres acham a inteligencia um charme muito maior que os músculos.

-Aí é que está o problema, eu não sou inteligente também.

-Oh, Merryl agora vejo porque você cuida tanto dele, é muito inseguro as vezes não é?

-Um pouco, mesmo escrevendo sobre qualquer assunto como se fosse um especialista no tema, ele não consegue ver que a criatividade dele o torna um gênio.

-Não exagere Merryl.

Disse para as duas mulheres ficando vermelho e envergonhado, conversaram mais alguns minutos enquanto terminavam a sobremesa e Albert se despediu, cumprimentou Silvya e beijou a mão de Merryl que voltou a ficar vermelha.

-Merryl ele é um amor, e ao mesmo tempo um bichinho ferido, é muito difícil não gostar dele.

-Eu que o diga, quando sair o livro de poemas dele muitas mulheres vão ficar molhadas não só por causa das lágrimas.

Ambas riram e continuaram a trocar percepções sobre Albert.

-*-

Ele chegou em casa e correu para o computador, Mirian estava deitada impaciente olhando para o teto.

-Até que enfim, pensei que ia acordar junto com você mas acordei aqui sózinha.

-Você esteve aqui comigo?

-É claro, pensou que fosse outra?

-Não só estou surpreso de você ter saído daí.

-Eu também estava deitada pensando em você e senti como se você me chamasse, aí eu me vi de pé na frente de uma cama e vi você sonolento e cansado, mas aí você me chamou de amor.

-Sim, foi real, que bom, estou totalmente louco mas estou feliz como nunca estive, será que é um tumor no cérebro?

-Meu deus ursinho, que coisa horrível de se dizer.

-Desculpe amor, eu não queria parecer mórbido.

Ele fechou os olhos e sentiu que estava deitado na cama com ela e ao abrir novamente estava ao lado dela, que virou e abraçou ele e o beijou. Ficaram ali muito tempo conversando, ela falava da infância dela e ele da sua, Albert era um ano mais velho que ela que

não acreditou.

-Você tem cara de mais maduro com esta barba, por que não raspa?

-Você gostaria?

-Não sei, só estou curiosa.

-Venha.

Disse pegando ela pela mão e ficando de pé ao lado da cama, esforçou-se se concentrando nela e no escritório e se viu de pé na frente do computador olhou com cautela sentindo a mão dela e ela estava ali segurando-o, ficou um pouco encabulada por estar quase nua naquele lugar novo, ele fechou a cortina do escritório e guiou ela pela casa.

-É a sua casa?

-Sim.

-É bonita, ela estava espantada pela mobília e pelo espaço.

-Parece uma mansão.

-Não é grande coisa mas é confortável.

Ela tinha visto aquela caixa com aquele quadro preto no escritório em cima da escrivaninha e tinha reconhecido um teclado parecido ao de uma máquina de escrever e via novamente um quadro preto na sala na frente do sofá.

-O que é aquilo?

-É como a tela branca do cinema só que é preta quando não está ligada.

-E você pode assistir filmes nela?

-Sim e muito mais, existem diversas coisas para se ver, filmes, shows, é como se pudesse ver tudo no mundo sem sair de casa.

-Posso ver?

-Sim claro, só que não se assuste.

Ele pegou o controle e ligou, estava com um volume relativamente baixo então ela apenas se sobressaltou.

-É colorido, que lindo, ela chegou perto mas seus olhos doeram a luz e afastou-se.

-Precisa cuidar pois a luz da imagem vem da própria tela.

Ela sentou no sofá e ficou olhando para aquela maravilha. Ele permaneceu ali pacientemente até que ela olhou para ele e sorriu, entregou o controle para ela e a ensinou a mudar de canais e ela ficou ainda mais encantada por aquela caixinha cheia de pontinhos controlar o aparelho.

Albert foi até o banheiro e ligou a máquina de barbear, fazia muitos anos que não tirava a barba, desde que terminara com Peggy Whitaker na faculdade, tinha decidido mudar de aparência para parecer mais maduro e passou a cultivar a barba que demorou quase um ano para ficar totalmente fechada.

Retirou a barba e ficou surpreso com o que viu, achou que era apenas uma coincidência, ou era somente uma peça pregada pela sua mente, de qualquer forma ele desceu para a sala, Mirian não estava no sofá.

-Estou aqui...

Ela deixou cair o prato que tinha na mão que não se espatifou por ser de plástico, Albert sempre usava pratos de plástico na geladeira.

-Meu deus.

Ele preocupou-se e foi até ela,

-Está tudo bem?

-Ursinho, você é muito parecido com Jack.

-É só impressão sua.

-Não vocês poderiam ser irmãos, não gêmeos é claro, mas...

Ela tocou o rosto dele com certo receio.

-Já tinha notado algumas semelhanças entre vocês mas agora,

por isto mantinha a barba?

-Não, faz muitos anos que tenho a barba, desde o segundo ano da faculdade que eu não tiro.

O telefone tocou, Albert retirou ele do bolso e atendeu.

-Oi Merryl, não, estou em casa, Merryl, novamente, mas, Merryl estou avisando esta vai ser a última por algum tempo.

Desligou vendo Mirian aturdida.

-É um telefone que mistura a função daquela tela de cinema com outras funções.

Estendeu o telefone para ela mas ela não quis pegar. Abaixou-se e limpou a comida no chão, ele abaixou para ajudá-la.

-Está silenciosa.

-Quem é Merryl?

-Oh.

Ele estivera preocupado com ela por conta do choque ou por causa do celular e ela estava na verdade com ciúmes de Merryl.

-Ela trabalha comigo, eu escrevo os livros e ela vende, é a minha editora.

-Você parece muito próximo dela.

-Sim, é verdade, estamos trabalhando juntos a algum tempo e somos muito próximos, somos amigos.

-Já foram algo mais?

-Não, nunca.

-Mas você gostaria?

-Não sei, sempre pensei nela como uma tia ou prima, as vezes como uma irmã mais velha, ela é bonita mas muito protetora, acho que tem um pouco dela em você.

-Por isso me chamou de Mirian?

-Não isso foi por conta da tia da minha mãe.

-Oh.

Terminaram de limpar.

-Terei que sair hoje a noite para uma entrevista, então você poderia ficar me esperando?

-Vou tentar. Me mostre o livro que está escrevendo.

-Não acho boa idéia chegarmos perto do computador, não sei o que pode acontecer, vou mostrar o livro de poemas que eu estou terminando de organizar, procurou seu tablet e mostrou os vinte e três poemas que havia escrito na época da término com Beth e os quinze novos, Mirian se encantou com a tela que reagia ao toque dos dedos e brincou com ela, devolveu o dispositivo para Albert que misturou eles em uma ordem que lhe pareceu lógica para criar um tipo de enredo, mostrou para Mirian os três que iria tirar.

-Escreveu esse para alguém específico não foi. Vejo claramente a mulher que você queria retratar.

-Sim, só que esta mulher não é uma mulher real, ela era apenas como eu a via antes da paixão morrer.

-O que ela fez?

-Lembra do filme que vimos no cinema.

-Claro, me pego pensando na personagem principal ainda mais depois de você ter dito que podia acontecer com qualquer um.

-Sim, a mulher que eu era apaixonado não sentiu nenhuma empatia pela personagem e riu dela como se tivesse sido uma tola.

-Mas ela foi uma tola.

-Mas você sentiu compaixão por ela.

-Sim claro, acho que qualquer pessoa sentiria.

-Beth não, ela não era romântica, era muito prática e egoísta, e acho que isto apagou o que eu sentia por ela.

-Mas por que quer remover os poemas?

-Não quero que ela pense que ainda sinto algo por ela.

-Ela vai saber na hora que você a amou muito e até se iludiu por ela mas que não sente mais nada, afinal a mulher que você amara não era ela, será doloroso mas isso também ajudará ela a mudar e encontrar outro amor.

-Tem certeza?

-Sim.

Mirian ajudou a encontrar lugar para aqueles três poemas e assim o livro ficou pronto, salvou a organização em um único arquivo e enviou para Merryl com uma nota que aquela era a versão final e queria que fosse impresso daquela forma. Arrumou-se com ajuda de Mirian, não colocou um suéter como sempre fazia, colocou um blazer que havia usado apenas uma vez.

Mirian fez ele usar um o vaporizador para limpar o blazer e ele ficou muito elegante, ela o beijou longamente com desejo antes dele sair, havia ensinado ela a mexer no micro-ondas então ela poderia ficar sozinha um tempo, quando chegou ao restaurante Merryl parou em choque.

-Oh, meu, deus.

-O que foi, fiz besteira?

Ela mal podia se controlar, gaguejou algum tempo e parou como uma colegial surpresa.

-Albert você está lindo e por deus, você é muito parecido a representação gráfica de Jack.

-Pare Merryl.

-Por que decidiu fazer isto agora?

-Foi ideia de Mirian.

-Preciso conhecer esta mulher.

-Não acho boa ideia.

-Meu deus Albert, como está bonito sem barba.

Disse Silvya ficando encabulada pelo comentário que pareceu inapropriado, conseguiu se controlar e apresentar seu acompanhante.

-Este é Howard Smith da comissão de escritores e gostaria de fazer uma entrevista formal com você para o introduzir na comissão do livro deste ano com Escopeta Jack.

-Muito prazer senhor Smith, li algumas de suas obras para meus alunos.

-Oh, quais?

Albert pensou que ele o testava por não acreditar que ele realmente havia usado seus livros e estivesse apenas tentando impressionar, mas Albert citou três de sua obras menos conhecidas apesar de terem muita profundidade intelectual e emocional.

-Oh que surpresa, você deu aula de literatura?

-Apenas inglês, mas sempre forcei meus alunos na leitura.

-Um professor que se tornou escritor, um caminho bem comum não é?

-Sem contar que minha mãe era professora de inglês e literatura.

-Uma família de literatos?

-Infelizmente minha mãe nunca escreveu, ela preferia ler, acho que por isto eu comecei a escrever contos, para ela ler quando teve câncer e ficou no hospital um tempo.

-Morreu de câncer?

-Não ela venceu e viveu mais alguns anos e morreu a dois anos em um acidente junto com meu pai.

-Sinto muito.

-Eu também mas pelo menos morreram juntos e isso diminui a dor.

-Mudando de assunto, podemos falar de Jack?

-Sim, foi pra isto que viemos não?

-De onde tirou a ideia do detetive?

-Eu tinha um conto engavetado a muito tempo sobre um policial durão, sempre fui fã das séries que mostravam um polícial cuja moral e senso de justiça fosse maquinal como um policial robótico, que sofria por causa de seus sentimentos mas, não deixava de aplicar a justiça.

-É um tema bem comum em livros e filmes mas, por que a escopeta em vez do revólver.

-Isso era coisa de meu pai, ele tinha uma escopeta em casa, dizia que era para segurança, certa vez alguém tentou invadir nossa casa a noite, ele quase matou o invasor, era um jovem que ficou tão apavorado olhando para o cano da arma que naquela hora, eu vi como uma escopeta inspirava um terror absoluto, mesmo que uma pistola ou revolver grande pudessem passar poder, uma escopeta era uma arma de terror muito mais surpreendente.

-Confesso que quando li a parte do tiro acidental de Jack naquele criminoso, eu tive uma sensação de enjoo, achei que era uma violência desnecessária, mas quando começaram a chamar ele nas ruas de escopeta Jack, por causa do terror que inspirava, achei que foi perfeito.

-No novo livro, tenho explorado os defeitos de Jack, especialmente seu orgulho e sede de fama, tinha um final em mente para quebrar o orgulho dele, mas decidi mudar para um final onde ele terá de optar pela honra ou pela felicidade.

-E qual ele escolhe?

-Terá de comprar o livro.

Merryl e Silvya tinham tido uma conversa paralela deixando os dois homens a vontade.

-Merryl ele é a cara do Jack do livro.

-Eu sei, me surpreendeu também.

-Ainda bem que eu não terminei minha matéria, depois de ver ele falando de igual para igual com Smith e vestido assim e sem barba,

minha percepção dele mudou muito, ele finge que é desinteressado?

-Não, ele é daquele jeito mesmo, acho que ele está apaixonado e por isto acabou tirando a barba para agradar a namorada, aposto que o blazer foi escolha dela.

-Oh que pena.

-Por que?

-Eu vim hoje mais para convidar ele para jantar comigo, acho que cheguei tarde.

-Pois é, muitas mulheres chegaram tarde com Albert.

Continuaram vendo a conversa até que Howard se sentiu satisfeito.

-Albert foi uma conversa muito proveitosa, espero sinceramente que seu livro seja escolhido, apesar de ter uma concorrência muito dura.

-Não tem problema senhor Smith, não escrevi ele para que recebesse prêmios.

-Como assim?

-Eu escrevo porque tenho de tirar eles daqui e daqui.

Disse primeiro apontando para a cabeça e depois para o coração. Apertou a mão de Smith que despediu-se de Merryl e Silvya e partiu.

-Obrigado Silvya.

-Oh, não tem por que me agradecer, estou feliz de ter vindo também, você ficou muito charmoso sem barba sabia.

-Foi apenas porque uma pessoa pediu e eu não pude recusar.

-A sua musa?

Albert sorriu e ficou ainda mais encantador.

-Preciso de uma foto nova para a matéria.

Disse Silvya retirando sua câmera profissional da bolsa, poderia ficar de pé ali e pensar que é Jack observando um criminoso se

preparando para cometer um crime?

-Não sei se consigo, somos muito diferentes.

-Poderia tentar.

Ele se pôs de pé encabulado, ela teve de guiar sua pose tocando ele e movendo seus braços para a posição correta, alisou o peito dele para assentar a camisa deixando Merryl com ciúmes.

-Assim, olhe para o bar e pense que vê os criminosos.

Albert lembrou da cena que havia escrito, de Jack observando Mike e Pitt para poder prender os dois e pareceu ver eles tramando, sentiu uma ira muito grande contra aqueles dois, iria prender eles para que eles não pudessem violar a lei, o flash da foto fez ele voltar a realidade. Merryl e Silvya olhavam ele com medo e espanto.

-O que foi?

-Meu deus, eu posso jurar que vi Jack de pé aí onde você está agora.

Disse Merryl, Silvya se despediu.

-Obrigada pela foto, vai ficar maravilhosa na matéria.

Beijou o rosto de Albert vermelha e foi embora.

-Merryl, já vou indo.

-Me acompanha até o carro?

-Claro.

Ao chegar no carro ela pegou ele pelo queixo e beijou ele nos lábios. Albert não se afastou, o beijo foi longo e carinhoso.

-Desculpe, mas eu precisava.

Disse ao afastar a boca da dele.

-Tudo bem.

-Você está feliz com Mirian, a ama?

Ele sorriu de modo apaixonado e infantil.

-Sim.

-Não vá se ferir novamente, eu não suportaria.

-Pode deixar.

Ela entrou no carro e partiu, Albert se virou para ir para o carro dele e viu Mirian de pé próxima do carro tinha lágrimas nos olhos e se virou e correu, ele correu na direção dela.

-Mirian.

Chamou Albert. Será que tinha visto ela mesmo? Voltou preocupado para casa. Ela não estava em lugar nenhum, tinha um prato com alguma comida no sofá que ele recolheu e pôs na pia, foi ao computador, ligou e havia a toda a parte sobre o que haviam feito desde que estiveram juntos na realidade dele, e uma parte depois dele ter saído.

Ela tinha entendido como funcionava o guia de teve e tinha procurado por filmes e havia encontrado alguns filmes antigos e aquele filme que haviam assistido juntos, ela estava assistindo ele quando sentiu a presença de Jack ali naquele mundo, ficou assustada e desejou com todas as forças estar com Albert.

Apareceu em um estacionamento, a tempo de ver ele levar uma mulher até um carro moderno daqueles do mundo dele e ela beijar ele longa e apaixonadamente, então ele sorriu para ela e ela entrou no carro e partiu, ele a viu e veio na direção dela que fugiu e desejou sumir e realmente sumiu. Retornou a escrita.

-Mirian?

Ela não respondeu, estava sentada na cama do quarto que haviam alugado a alguns dias, segurava um travesseiro e chorava nele.

-Mirian você entendeu mal.

Ela continuou chorando.

-Posso ir aí.

-Não venha senão eu não sei o que vou fazer com você seu

canalha.

Albert riu. Pensou nela e no quarto e assim que se viu de pé levou um golpe do travesseiro que ela arremessou nele com toda a força, tinha pego o outro travesseiro e se preparava para arremessar mas ele chegou nela primeiro e a conteve nos braços, ela bateu nele com muita força e por muito tempo, até que cansou.

-Por que você fez isto comigo, me fez te amar e agora fica por aí com outras mulheres?

-Mirian, eu não estava com outras mulheres.

-Estava sim, estava com aquela mulher bonita tendo um jantar romântico.

-Amor, era uma reunião de negócios por causa do livro, o representante dos escritores americanos queria uma entrevista para colocar o meu na lista para o prêmio de livro do ano.

-Então por que aquela mulher estava lá?

-É a Merryl, ela é minha editora e sempre vai estar presente na minha vida, pelo menos enquanto ela quiser.

-Mas ela te beijou.

-Acho que temos uma relação complicada, eu suspeitava que ela estivesse apaixonada por mim, só não sabia que era um sentimento tão forte.

-E você correspondeu.

-Não amor, eu não correspondi e ela sabe disso.

-Você sorriu para ela depois do beijo.

-Foi pelo que ela me perguntou.

-E o que foi?

-Se eu te amava.

-Oh, e o que disse?

-Sim e muito.

-Por isso sorriu?

-Sim.

-Jura?

-Cruzando meu coração.

-Seu bobo, sabe o que me faz passar com esse seu jeito?

-Você é muito ciumenta e impulsiva.

-Você que me fez assim.

-Pois é eu acho que fiz mesmo, por isto você é perfeita.

Esteve com ela muitos dias, andaram por Chicago sem rumo apenas aproveitando a cidade, havia até assistido ao antigo show dela que faria sua última apresentação antes de ir para New York e ela viu Vanessa no lugar de principal e dançar com graça e perfeição, Mira ainda era a segunda e Belly a terceira, a novata também era muito boa apesar de achar ela um pouco insonsa.

Sanchez ia ficar muito tempo na cadeia por ter estuprado algumas de suas bailarinas mais ávidas por fama e engravidar algumas, então quem estava empresariando as meninas era uma matrona de L.A. Que Mirian só conhecia de nome.

Saíram assim que o show terminou, não queria reencontrar suas antigas colegas, estava feliz por dançar apenas para Albert, toparam com Jack que estava fazendo uma prisão de um ladrão de bolsas e ele ficou intrigado olhando para Albert sem barba, havia notado a semelhança entre os dois imediatamente mas ao olhar o homem com mais atenção notou que era uma cópia quase perfeita de Joe quando era mais jovem, ficou surpreso pela coincidência porém não comentou nada.

Voltaram para o hotel, viviam em uma lua de mel antes do casamento, não cabiam em si de tanta felicidade.

-Podíamos voltar para o seu mundo.

-Você gostou de lá?

-Tem a tevê, a geladeira, o micro-ondas, a máquina de lavar, tem

os carros, o shopping, quero conhecer Chicago de seu tempo.

-Shopping?

-Vi na tevê.

-Por mim tudo bem, só não queria que você se sentisse obrigada a ir para lá.

Ele tinha um ar preocupado.

-Por que a preocupação, tem vergonha de mim?

-Não, tenho dúvidas de como vai ser a reação das pessoas.

-Sobre o que?

-Acho que não poderão ver você, aqui é o seu mundo e eu posso me misturar, mas lá será o meu e você ficará limitada a apenas interagir comigo.

-Não entendi?

-Tenho certeza que só eu poderei ver você lá.

-Só você?

-Sim.

-Serei como um fantasma?

-Acho que sim.

-Ninguém mais me veria?

-Já disse que acho que seria assim.

-Então eu poderia fazer isto e só você veria?

Disse ela pegando nele com um pouco de força.

-Assim você me machuca.

Ele endureceu ao toque dela. Ela desceu por baixo dos lençóis e sentiu ela beijá-lo.

-Mirian o que?

Ela pôs a cabeça para fora do lençol com cara de levada, eu

descobri muitas coisas naquela sua tevê, gostaria de experimentar esta.

Disse maliciosa e voltou a sumir debaixo dos lençóis fazendo ele se enrijecer todo e ter de agarrar a cama. No dia seguinte ela se preparou para que ele a levasse com ela para o mundo dele, foi mais fácil que da vez anterior, logo ele se viu no escritório, estava de pé e a casa estava um pouco bagunçada, estava de roupão e tinha a barba por fazer além de estar abatido, muito cançado, com fome e dolorido.

-Ursinho você está horrível, o que houve, está bem?

-Não sei.

Ele teve que sentar, estava fraco.

-Albert, esteja onde estiver atenda este maldito telefone, estou indo na sua casa, estou preocupada, se estiver de bobeira eu vou te dar uma lição entendeu.

Desligou o telefone, Merryl era uma editora de sucesso e escritora fracassada, geralmente era assim no mundo dos livros, nem sempre entender o que era comercial e o que era bom significava escrever bons livros, ela encontrara Albert em uma feira de escritores iniciantes, ele era professor de inglês em um colégio e havia se formado a pouco tempo, estava apresentando um livro com vários contos e ela viu potencial nele apesar de ser muito sonhador na sua escrita, também não tinha um perfil definido, haviam mistério, ficção, drama, fantasia, escrevia praticamente de tudo e isso não era bom.

Pediu que ele escolhesse qual dos contos ele achara mais significativo para ele e ele apontou para o drama sobre uma médica que perdera o filho bebê em um acidente por estar muito cansada e perder a atenção depois de um turno longo. Ela leu sentada na cafeteria enquanto ele ficava lá conversando e vendendo seu livro. Ela achou a história muito realista, parecia que era verdade, os detalhes, davam a impressão que havia sido um médico ou um psicólogo que tinham escrito o conto.

-Senhor Collins, gostaria que o senhor fizesse um teste de livro

para mim, poderia transformar este conto em um texto de trinta mil palavras?

-Acho que sim senhora Meyers. Aqui, me ligue quando tiver o material pronto.

Ele ligou três dias depois.

-Senhora Meyers, Albert Collins.

-Oh sim, como está o teste.

-Eu terminei, só que não consegui reduzir de quarenta mil palavras, apesar de ter uma versão de cerca de cinquenta e cinco mil, me parece que ficaria um pouco forçado tentar ampliar para menos que isto.

-Anote meu e-mail e me envie as duas versões.

Ela passou o endereço e esperou ansiosa, o teste chegou quase imediatamente, leu com bastante atenção, podia não dar em nada ou podia ser um best-seller, gostou dos dois textos, mantinham-se totalmente fiel ao conto mas expandia os relacionamentos pessoais e trazia muitas lembranças e um pouco do passado da personagem.

O final era o mesmo mas muito mais dramático quando ela fica sentada na privada olhando emocionada para o teste de gravidez dela que deu positivo. O realismo das reações dela mexeram muito com Merryl. A versão maior seria um livro bom, não saberia se conquistaria a crítica pois eles eram muito tendenciosos e até manipuladores na opinião dela.

Talvez não venderia muito, mas seria uma tirada de no mínimo dez mil cópias com certeza e ela não errou, até o sucesso de escopeta Jack já tinha vendido vinte mil cópias e estava na terceira edição, os três livros seguintes tinham ido na mesma direção vendiam bem mas não eram sucessos absolutos, era como se Albert estivesse se guardando.

O quinto livro havia sido um fracasso e ainda estava engatinhando porque ele insistira em escrever sobre ficção e esse ramo era muito concorrido, todo mundo queria escrever ficção pensando que seria um Asimov, ou Henlein ou outro grande, era isso

ou fantasia.

Agora o sexto livro ele acertara a mão, já tinha passado de quinhentas mil cópias e estava na quinta edição e Merryl mandou direto trezentas mil cópias desta vez e não havia previsão de redução nas vendas, Escopeta Jack estava sumindo das prateleiras como se fosse magnético e Albert estava feliz com o personagem e estava escrevendo a continuação, seria o Sherlock dele, ou quem sabe o Poirot, para ser mais próximo.

Ela ficava cuidando dele como uma mãe coruja, apesar de ter sentimentos muito mais mundanos. Albert era muito sensível e ficara apaixonado por aquela riquinha mimada da Beth Hess, filha do editor Martin Hess, ela brincou bastante tempo com ele, Albert escreveu uma série de poemas para ela mas, Merryl se recusou a produzir, não por serem ruins mas, por serem bons e Beth não merecia ter um livro daqueles dedicado a ela.

Depois do sucesso de Albert, Beth tinha voltado a se insinuar para ele mas, parece que o interesse de Albert por ela era coisa do passado, talvez escrever aqueles poemas retiraram do peito dele tudo o que ele sentia.

Merryl balançou a cabeça, estava chegando a casa dele, estava preocupada, ele não atendeu aos últimos telefonemas dela e não respondia as mensagens, parou o carro em frente a casa, o carro dele estava na entrada da garagem mas as cortinas estavam fechadas, desceu e foi até a porta e tocou a campainha. Albert ainda estava sentado na poltrona.

-Quem será que é?

-Vou ver, espere aqui.

Ele se levantou com dificuldade e foi até a porta da frente, havia louça suja na pia e na mesinha da sala, havia uma coberta no sofá.

-Sabia que devia ter sido ele quem fizera aquela bagunça, só que não se recordava, devia ter feito aquilo enquanto alucinava com Mirian, sua loucura estava afetando sua vida, abriu a porta.

-Onde... Meu deus Albert você está péssimo.

Disse ela entrando e empurrando ele do caminho, viu a bagunça e a coberta no sofá, depois caminhou pela casa e viu a cozinha, abriu a geladeira, estava vazia, o mesmo nos armários, tentou ir ao escritório.

-O que quer Merryl?

Disse parando no caminho dela.

-O que você tem? Está parecendo abatido, e esta desordem, nunca vi você assim nem depois da Beth.

-Por que sempre tem de lembrar dela, já disse que ela não importa pra mim.

Falou Albert um pouco mais exasperado do que pretendera.

-E eu não importo?

Disse Merryl com lágrimas no rosto e enxugando com raiva.

-Merryl, você importa de uma maneira toda especial, mas me irrita sempre que você fala de Beth.

-Desculpe, estava preocupada, já faz quatro dias que tivemos aquele jantar e você nunca ficou tanto tempo sem responder uma mensagem, ainda mais sobre um livro.

-Que mensagem?

-Onde está seu telefone?

-Não sei, deve estar em algum lugar da casa sem bateria, por que?

-Eu mandei o livro de poemas para a prensa, da forma que você editou, achei muito boa a organização que escolheu, inclusive o que fez com os poemas... O que fez com aqueles três poemas que disse que retiraria. Daqui alguns dias será distribuído e você tem de se preparar por que ele vai vender muito, mandei direto cem mil cópias.

-Você tem certeza, pode ser que fracasse como O Fantasma Do Hoje.

-Ele não é um fracasso, é só que as pessoas não sabem que você estava triste pela morte de seus pais e por isto fez algo muito pessoal e profundo.

-Mas você sempre disse que não gostou?

-Eu disse que não gostei dele para venda, não que não gostei dele pessoalmente.

-Tudo bem, o bom é que ele está crescendo e pode chegar a ser alguma coisa por conta própria.

-Mas por que está tão mal, pensei que estava apaixonado e feliz?

-Estou muito feliz, só que tenho escrito muito e escrever está me desgastando demais, acho que tenho tido apagões de tão cansado que tenho estado.

-Vou levá-lo ao médico.

-Não precisa, foi só um exagero passageiro e eu vou pegar mais leve, Mirian não vai deixar eu exagerar.

-Ela está aqui?

Disse Merryl olhando em redor.

-Não, mas vou ligar para ela vir depois que sair.

-Está bem, se cuide e tome um banho.

-Pode deixar.

Merryl saiu a contra gosto sentia que Albert a estava enxotando da casa, foi para o carro e ligou, parecia que ele escondia algo dela como se tivesse algum segredo sombrio, ele nunca era impaciênte mesmo quando furioso e ele quase explodiu com ela por causa de Beth, será que ele ainda amava Beth? Pensou que talvez essa Mirian fosse uma mentira e ele tinha voltado a ver Beth e tinha vergonha de dizer. Desligou o carro e voltou a casa de Albert, movida pelo ciúme, espiou pela janela do escritório, escutou que ele discutia com alguém ao telefone.

-É tudo minha culpa, você está deste jeito por que tem ficado comigo no meu mundo.

-Não amor, foi apenas por que eu me descuidei.

-Precisa parar de me ver Albert.

-Por que Albert agora?

-Estou falando sério, pensei que esse papo de loucura fosse brincadeira mas parece que eu sou como um veneno na sua mente.

-Pare com isto Mirian, não diga isto, estou muito feliz com você.

-Mas eu não sou real.

-O que é real, nada é real de fato, tudo são apenas interpretações em nossa mente, só preciso equilibrar as coisas, depois poderemos ficar juntos para sempre.

-Não Albert.

Gritou ela.

-Você me fez uma assassina lembra, por que pensa que eu não estou envenenando você?

-Por que você não é mais a personagem que eu criei, você é muito mais, eu nunca imaginei que Carol Thompson pudesse deixar de ser bailarina para trabalhar como secretária e estudar durante as manhãs para tentar cursar faculdade de história, nunca pensei na sua infância de modo complexo, mesmo quando estamos juntos eu não penso no que estamos fazendo, você é uma parte independente, mesmo que seja de mim.

-Eu devia sumir e desaparecer.

-Eu sempre te acharia.

-Mesmo se eu não quisesse mais te ver?

-O único jeito de me afastar de você é se me matar.

Ela suspirou, soluçou, chorou, correu e abraçou ele.

-Você precisa de um banho.

-Quer tomar banho comigo?

Ela olhou maliciosa para ele.

-O que você acha.

-Estou faminto, vou pegar uns biscoitos e vamos subir.

Ele pegou os últimos biscoitos e a levou para seu quarto. Merryl estava chorando, cobria a boca com as duas mãos, Albert devia ter estado tão imerso em dor e tristeza desde a morte dos pais que tinha se agarrado aos sentimentos por Beth que o abandonara, ela mesma esteve tão preocupada em conter seus sentimentos por ele que deixou ele se afundar naquela depressão que o forçou para uma...

Ela não sabia o que era, tinha caído sentada na grama enquanto ouvia ele falando sozinho e deixando os sentimentos dele tão transparentes. Ela devia ter amado ele independente do que diriam dela ou dele, maldita Beth, voltar atrás dele enquanto ele estava mergulhado em dor e sofrimento fez ele piorar muito.

Bichinho ferido, Silvya tinha percebido mas ela estava tão orgulhosa dele que não via como ele estava vulnerável, pensou em Escopeta Jack, aquele ódio pelos criminosos, aquele senso de dever e desejo de se por a prova diante do perigo eram um grito por socorro dele e ela não tinha visto, era uma idiota.

Foi até o carro e entrou, ajeitou-se, pôs o cinto e ficou ali com as mãos no volante, por fim gritou de frustração e chorou, tinha de salvar ele, nem mesmo que fosse uma pequena parte da sanidade dele. Não conseguiu digitar o número do doutor Benson a primeira vez, mas conseguiu na segunda.

-Oi é Merryl Meyers, preciso falar com o doutor Benson com a máxima urgência, atendendo, até que horas, estou indo aí então.

Ela saiu com o carro em alta velocidade.

Depois de um longo banho que terminou em muitas carícias e em uma experiência nova para Mirian, que não conseguiu aguentar a dor e teve de parar, fazendo Albert rir pela frustração dela.

-Como aquelas mulheres conseguem fazer isto?

-É muito doloroso.

-Podemos tentar novamente outra hora com alguns produtos para ajudar.

-Não sei se quero tentar isto novamente.

-Não tem problema amor, foi ideia sua de qualquer maneira.

-Na verdade deve ter sido ideia sua e colocou isto na minha cabeça.

-Amor?

-O que? Você é que gosta de ficar espiando mulheres e escrevendo sobre a vida delas.

-Mirian.

-Ursinho você não tem senso de humor e não consegue entender uma brincadeira.

-Vamos nos arrumar, precisamos fazer compras, ficar imerso no livro me fez consumir tudo que havia em casa e depois temos de limpar tudo.

Arrumaram-se e saíram de carro para o mercado, Mirian ia olhando tudo com assombro, o trânsito, os veículos, as pessoas, as roupas, todos usando estilos diferentes e ninguém preocupado com o que vestia.

-Isto é um caos.

-Por que?

-Não existe glamour, nem brilho, nem finesa, todos estão desleixados, e a maioria das pessoas está acima do peso, até as crianças.

-É um dos males do nosso tempo, todos estão tão cegos para si que só veem o que querem ver.

-Você também?

-Eu acho que eu mais que qualquer outra pessoa.

Chegaram ao mercado.

-Amor, ninguém pode ver você então eu responderei apenas se não houver ninguém por perto então não fique brava por eu fingir que não ouvi alguma coisa.

-Pode deixar.

Disse com cara de levada, como se tramasse alguma traquinagem.

-Mirian por favor.

-Entendi.

E ela o infernizou nas compras o tempo todo, fazia cócegas nele, dizia comentários impróprios sobre pessoas próximas, mexia nas prateleiras. Albert tentava se controlar mas devia estar fazendo um escândalo, sabia que quem mexia nas prateleiras era ele mas não podia evitar por que sua mente saudável não controlava o que Mirian fazia, ela ocupava uma parte do inconsciente e provavelmente controlava o corpo dele no processo.

Apesar dele não ter consciência de tudo que podia estar acontecendo ele podia prever as consequências então se apressou e terminou as compras voltando ao carro, apesar de estar bravo não conseguia parar de rir, ela ria com ele, as pessoas tinham feito uma cara de espanto para o homem louco que estava fazendo compras e até acharam que era algum tipo de pegadinha.

-Meu deus Mirian você me mata de vergonha.

-Foi divertido, não foi?

-Só que poderiam ter chamado a polícia para nós sabia?

-Aí o problema ia ser só seu, eu não tenho nada a ver com isto.

-Amor?

-Seu bobo, eu sabia qual seria o limite, você é não consegue ver como as pessoas reagem as situações mas eu sim, acho que formamos uma boa dupla.

-Vamos voltar para casa.

-Tudo bem mas quero jantar fora e naquele restaurante que

jantamos na primeira vez.

-Oh ele fechou a muitos anos, desculpe mas o tempo tem seus inconvenientes.

-O que pena.

Ela ficou um pouco triste mas logo se animou.

-Não tem problema poderemos visitar ele sempre que quisermos em um de seus livros.

-Acho que não precisarei mais de livros para levar você comigo, poderemos tentar mais tarde ir em uma viagem apenas no meu pensamento sem ter que ter um roteiro escrito.

-Será que não vai te sobrecarregar novamente?

-Acho que... O que é isto?

Haviam dois carros e uma ambulância na frente da casa de Albert, o doutor Benson e Merryl estavam de pé junto com os enfermeiros. Albert parou o carro no meio da rua e desceu furioso.

-Que diabos é isto Merryl?

-Albert acalme-se, o doutor...

-Benson o que significa tudo isto.

Alguns vizinhos tinham ficado na frente da casa para ver o que acontecia, tinham ficado preocupados, todos sabiam que Albert era um escritor famoso e ter ele como vizinho era motivo de orgulho apesar dele ser bem recluso, participava das festas que era convidado e era sempre agradável com todos, por isto ver uma ambulância na casa dele era motivo de preocupação e não curiosidade.

-Albert nos perdoe mas precisamos que venha conosco, vamos cuidar de tudo só precisa se acalmar...

-Acham que eu estou louco?

-Albert não é isto.

-É isto sim e quer saber Merryl, eu estou mesmo e eu aceito,

estou feliz assim, pode me deixar ser feliz em paz?

-Albert por favor.

Ele havia se distraído e os dois enfermeiros conseguiram pegar ele e segurá-lo, Benson retirou uma seringa e injetou nele que lutava com força sobre humana, apesar de ser menor que os dois enfermeiros estava se liberando deles apenas na força bruta sem apelar para qualquer ataque, o tranquilizante estava demorando a fazer efeito e Benson que já tinha preparado outra dose aplicou ela.

Merryl tentava acalmar ele mas ele não cedia aos apelos dela até que seu corpo amolesceu e puderam deitar ele na maca. Ela recolheu o carro e passou as compras para o seu carro, Benson foi seguindo a ambulância para a casa de repouso, ela entrou na casa de Albert e começou a limpar ela, havia terminado quando a campainha tocou.

-Sim?

-Desculpe, sou Paul, vizinho de Albert, ficamos preocupados com ele, aconteceu algo?

-Merryl, editora e amiga dele.

-O que foi aquilo?

-Oh, desculpe, tudo deve ter parecido muito chocante mas ele estava muito doente e não queria aceitar tratamento, para evitar que ele prejudicasse a saúde ainda mais eu tomei medidas um pouco exageradas para levar ele para um clínica para tratamento.

-Sim, espero que não seja nada grave.

-Espero que não, só os exames vão dizer.

-Tudo bem, desculpe o incômodo.

-Imagina é bom saber que ele tem bons vizinhos.

O homem foi embora e ela fechou a porta e chorou, havia deixado a situação ficar muito pior mas era necessário fazer algo por Albert, chegou ao escritório, o computador estava em hibernação, ela ativou e viu o livro na tela, sentou-se e começou a ler desde o

princípio, quando chegou no ponto onde a mulher começava a ter reações erráticas ela lembrou do que Benson havia perguntado.

-Ele tem medo de estar sendo observado? Sente que alguém o tem perseguido?

-Não, nunca notei nenhum comportamento estranho nele.

Era por isto, quem estava tendo os sintomas era a personagem do livro, ele transmitia para ela o que sentia para tentar manter a sanidade. Lembrou do último poema do livro que estava sendo impresso,

-...ele contempla o vazio atrás dos olhos dela, seu coração chora e ele entrega sua sanidade no altar do amor pois é a única coisa que lhe resta.

Merryl amava Albert, tinha certeza total disto, ele era tão sensível, doce e romântico.

-Meu deus eu vou morrer se ele não se recuperar.

Chorou muito lendo o restante do livro, ficou perplexa das conversas íntimas dos dois, Mirian era uma personalidade completamente independente da dele, várias vezes ela pensou que podia estar enganada e que esta Mirian fosse real. Até que lia quanto ele se questionava e sofria por saber que estava enlouquecendo e mesmo assim aceitava aquilo.

Chegou naquele trecho onde estava registrado o diálogo deles que ela havia ouvido apenas a parte que ele falava, ela tentava fazer ele abrir mão dela para que não continuasse enlouquecendo mas ele preferia a morte do que perder ela, a dor dele deveria ser tamanha que era demais para uma pessoa suportar sozinha e acabou dividindo a mente dele em duas para que pudesse dividir o fardo, leu até o final, salvou o texto e gravou um cópia no celular para poder mostrar a Benson para poder definir um tratamento. Ligou para Amanda.

-Amanda, Merryl Meyers, oh, muito prazer também, sim, fique calma, ele está bem, está em uma clínica de repouso, tive de intervir porque ele ficou muito obcecado pelo livro, sabe como ele é intenso,

sim, eu também achei que ele estava feliz mas ele tem sofrido muito Amanda, eu li algumas coisas que ele escreveu e eu nunca vi tanto sofrimento junto, você poderia vir, ótimo assim que embarcar me avise que eu espero você no aeroporto.

Merryl foi direto para a clínica, mantiveram Albert sedado por muito tempo, Merryl buscou Amanda no aeroporto, o marido veio com ela, eles foram direto para a clínica.

-Meu deus isto é necessário?

-Infelizmente ele tem uma força sobre-humana então mesmo sedado precisamos restringir os movimentos dele, caso contrário poderia ferir os enfermeiros e sair.

Albert estava deitado e amarrado com todas as amarras possíveis.

-Doutor?

-Benson.

-Doutor Benson, Albert é um homem tranquilo, acha que poderia ferir alguém?

-Na verdade senhor Wilkins estou feliz dele não ter ferido gravemente os enfermeiros que foram nos ajudar com ele, eu mesmo fiquei surpreso da imensa força dele, ele estava vencendo dois homens muito grandes e treinados para conter pessoas em surtos muito piores e ele ali totalmente lúcido os estava derrotando sem usar nenhuma violência, se tivesse escolhido usar de violência não acredito que alguém pudesse pará-lo.

-Mas como, ele nunca fez qualquer tipo de exercício, nem pratica esportes.

-Mas ele tem uma mente extremamente poderosa e a mente controla o corpo de uma forma muito mais profunda que a ciência ainda possa entender.

-Mirian?

Chamou Albert.

-Veja, neste momento ele deveria estar dormindo pela quantidade de tranquilizantes que demos e ele ainda está acordado.

Amanda abraçou Merryl que chorava e ambas choraram juntas. Depois de dois dias, puderam diminuir a medicação de Albert e ele ficou mais calmo, quase totalmente normal.

-Oi sonhador.

Ele levantou os olhos, era Amanda.

-Amanda, está aqui de verdade ou é só alguma alucinação?

-Estou aqui seu tonto, estive aqui o tempo todo, mas aquele seu médico não permitia ninguém chegar perto.

-Foi porque eu estava muito transtornado.

-Você se lembra?

-Oh, sim, fiquei furioso com Merryl por ela trazer dois enfermeiros para me conter como se eu fosse um maníaco e eles me pegaram quando eu me descuidei, tentei me soltar sem ferir eles mas Benson deve ter me injetado com algum tranquilizante e acabei apagando, acordei amarrado e tinha dificuldade de pensar, devia ser o tranquilizante para evitar que eu ferisse alguém ou me ferisse, tentei trazer Mirian para ficar comigo mas minha mente estava muito alterada e não pude me concentrar nela mesmo chamando o nome dela.

-Você está totalmente são Albert, não entendo por que te fizeram isto.

-Na verdade Mandy, eu estou com algum problema bem sério, esquizofrenia ou sabe-se lá o que, eu posso ver e falar e até me relacionar intimamente com Mirian e ela não é real.

-Mas isto é impossível.

-Acredite-me, não sei como isto começou, sentia solidão é claro, não por que não haviam opções, meu vizinho, Paul vivia me arranjando pretendentes nas festas da vizinhança mas eu nunca sentia a empolgação por elas, eu amo Merryl, muito mesmo, mesmo ainda furioso com ela eu ainda amo ela, mas é uma coisa platônica,

sem interesse carnal, apesar dela ser muito atraente, Mandy, até Beth me procurou várias vezes mas não conseguia nem me forçar a dar uma chance para ela, era como se não houvesse uma mulher capaz de mexer comigo.

-Mas esta Mirian conseguiu.

-Não a princípio não, ela era apenas uma personagem de meu livro, tinha feito ela muito atraente e sedutora pois era a suspeita da história e Jack deveria se apaixonar perdidamente por ela, mas eu e Jack temos gostos diferentes, ele prefere mulheres fortes e ariscas e eu prefiro as doces e sensíveis, já fazia esse tipo de coisa depois de ter sofrido com as críticas de O Fantasma Do Hoje, onde eu fiz a heroína doce e sensível e a crítica não acreditou que uma mulher doce pode ser forte, então eu sabia que eles queriam mulheres do tipo femme fatale e foi dali que a Carol Thompson nasceu.

-Quem?

-Era o nome artístico de Mirian Mitchels, Carol era forte, orgulhosa, cruel e dotada de um senso de sobrevivência animal, por isto matou a colega de palco, não pelo lugar dela mas por desprezar mulheres fracas e ambiciosas que não se davam valor. Só que quando ela apresentou aquele comportamento errático como se estivesse vendo um fantasma ou sendo perseguida ela despertou minha atenção e passei a deixar o livro de lado e observar ela, por fim ela descobriu que eu a observava pois era óbvio que eu tinha de observar para escrever e em uma noite de chuva ela me puxou para a chuva com ela e eu senti que estava realmente em Chicago nos anos quarenta no meio da chuva, tudo era real demais, depois de sair de lá procurei o médico que me mandou me afastar e fui para sua casa.

-Você estava totalmente normal.

-Isto é o pior, eu não estava, não parava de pensar em Mirian, escrevi poemas pensando nela, não podia acreditar que ela não era real, não pra mim pelo menos e mesmo que não sabendo eu devia ter decidido continuar com a fantasia. Ao retornar tudo voltou ainda mais forte, até que eu aceitei totalmente a insanidade e aqui estamos, os outros estão ouvindo? Quem mais está com o doutor

Benson?

-Somente Benson e Merryl.

-Beth veio me visitar?

-Veio mas não deixamos ela ver você.

-Por que, ela devia estar apenas preocupada?

-Albert, o que quer fazer sobre tudo isto?

-Mandy se eu sair eu vou continuar a imaginar Mirian, a única coisa que faz ela não estar aqui comigo é aquilo que ele me fizeram tomar e saindo eu não vou tomar por vontade própria, entenderei se tiver medo e quiser se afastar...

-Não mesmo seu cara de pastel.

Disse ela o abraçando mesmo contrariando a ordem do médico.

-Sinto muito Mandy por preocupar você.

-Cala a boca Albert.

Ela o apertou mais forte, amava o irmão, ele sempre fora sensível e ficara preocupada com ele depois da morte dos pais mas não sabia que ele estava sofrendo tanto a ponto de enlouquecer.

-Me perdoe Albert, talvez se eu...

-Não Mandy eu tive vários momentos para poder fugir do que estava acontecendo e simplesmente não quis e ainda não quero.

Ela recebeu sinal de sair. Ele continuou ali sentado de costas para a porta e olhando apenas para a parede branca. No dia seguinte foi a vez de Merryl.

-Oi.

-Esteve chorando?

Disse vendo o rosto da amiga.

-O que você acha?

-Você é muito má as vezes sabia, mesmo que faça as coisas

pensando no meu bem.

-Albert...

Ela agarrou-se ao pescoço dele.

-Me perdôe, eu não sabia o que fazer quando vi você falando com Mirian depois que eu saí naquela tarde.

-Está tudo bem Merryl, eu entendo.

-Por que não me procurou? Por que não me pediu carinho? Você sempre soube que eu gostava de você.

-Eu até pensei em fazer isto quando voltei de Boston, mas não queria estragar nossa amizade.

-Por isso veio com o poema da rosa?

-Ele sempre foi sobre você, eu apenas cedi momentaneamente, cheguei a comentar com Beth aquela noite no Tribute.

-Que disse a ela.

-A verdade que tinha dado uma dica para você.

Mas eu não entendi.

-Entendeu sim, mas eu recuei para não estragar nossa amizade.

-Por favor Albert, se não quer ficar comigo, fique com Beth ou qualquer outra mas que seja uma pessoa real.

-Mirian é real, real para mim, tão real como qualquer mulher pode ser, as vezes real de mais.

-Não entendo.

-Mirian não é nem de longe o tipo de mulher que me atrai, ela é impulsiva, bonita de mais e me deixa inseguro, tem um apetite maior que o meu que me faz ter medo de falhar com ela, gosta de ler, é teimosa, joga as coisas quando está com raiva, e a lista continua, mas eu me apaixonei, eu tentei procurar nela todas as mulheres que eu amei e ela não me lembra nenhuma, nem Beth, nem Peggy e desculpe mas nem você, cheguei a procurar Mandy e mamãe, mas não há nada, minha mente projetou ela de um jeito

único.

-Você realmente a ama.

Reconheceu Merryl.

-Sim, com todo o meu ser e estou totalmente ciente que é loucura.

-Não sei porque mas parece que eu entendo, eu te amo Albert, amei desde que li aquele seu conto na exposição lembra, eu sempre amei você nos livros, eu era apaixonada por você como pessoa, seu jeito meigo e um pouco infantil mas amava você nos seus textos, era como se no papel você se revelasse e parece que foi assim que você encontrou um amor verdadeiro.

-Obrigado Merryl.

-Pode me perdoar?

-Claro, isto não quer dizer que eu ainda não esteja muito chateado com você.

Ela beijou ele na boca como naquele dia no estacionamento e ele retribuiu da mesma forma de antes. Ela saiu com lágrimas no rosto. No dia seguinte foi a vez de Benson.

-Preciso pedir perdão por duas coisas Albert.

-Quais?

-Primeiro, estava certo quando me procurou, seu problema era muito maior que o que os sintomas revelavam, para ser honesto, nunca me deparei com nada deste tipo e não sei se existe algo assim na história da psicanálise e a outra coisa foi o método de abordagem que escolhi, apesar dele ter se revelado acertado, do contrário não haveria como realizarmos um tratamento apropriado, preciso lhe agradecer por poupar os dois enfermeiros, pelo que pude ver, você poderia ter facilmente se livrado deles se optasse pela violência e mesmo tendo previsto alguma resistência de sua parte você se revelou extremamente forte, pelo menos quando sob efeito da adrenalina.

-Deixemos isto pra outra hora, por que diz que meu caso não tem

precedente?

-Por que nunca houve um paciente que sofrendo de alucinações, delírios ou transtornos totais pudesse manter a conciência e uma sanidade razoável, alguém nestas condições deveria estar com sintomas físicos e mentais anormalmente perceptíveis e pelo que pude apurar das entrevistas das pessoas próximas a você, apenas Beth Hess sabia que você não estava bem.

-Oh, ela sabia? Como?

-Ela disse que você estava mentindo tanto para si mesmo que estava acreditando que não a amava mais.

-Isto me parece um absurdo, acho que tínhamos chegado a conclusão durante as sessões que tivemos sobre ela, que eu sofri por ter tentado levar nossa relação além do meu interesse, eu não sentia mais nada por ela.

-Ainda não consegui resolver este mistério mas, concordo com você neste ponto, estou ainda muito intrigado sobre isto e preciso fazer uma entrevista para que possamos entender o que aconteceu com você para que chegasse a este ponto, concorda em responder as perguntas sinceramente?

-Não tenho nada a esconder doutor.

O médico fez uma série de perguntas de como ele se sentia enquanto estava com Mirian, sobre quando acordava daquela alucinação, se tinha lembranças do que fazia pela casa e como foi a sua ida ao mercado com Mirian, fez suas anotações mesmo gravando tudo saiu para poder estudar o problema, no dia seguinte voltou.

-Albert tenho um diagnóstico muito difícil, não sei o que você tem.

-Oras doutor Benson, isso não é uma coisa muito profissional.

-Nem me diga, você tem uma inteligencia excepcional a ponto da sua mente criar duas personalidades completamente independentes.

-Como assim?

-Você que está falando comigo não é o Albert original, você é uma

personalidade diferente do Albert original.

-Oh, mas isto é uma total loucura, como eu não sou eu? Eu posso estar louco e vendo Mirian mas eu não ser real é insano.

-Para mim também foi, você chegou ao meu consultório e eu conheço apenas você, nunca conheci o Albert original, acho que ele não vai aparecer tão cedo no tratamento, a prova é que você pôde ler o que tinha feito com Mirian depois de ter saído da fantasia, você não poderia estar na fantasia e escrever o que estava acontecendo ao mesmo tempo, se tivesse dito que você escrevia tudo o que se passava depois, não teria como descobrir sua personalidade real, outra prova é a mudança nas roupas, nas posições, acredito até que ele molhou suas roupas para poder te dar a ilusão que o sua primeira fantasia era mais real.

-Quer dizer que eu me molhei para me enganar?

-O Albert original deve ter feito isto, ele deve ter estado observando o romance descrito no livro e influenciado a escrita para que você entrasse na fantasia, o motivo eu só poderei descobrir depois de conseguir conversar com ele, e acredito que teremos muito trabalho para integrar ele a sua outra personalidade.

-Mirian?

-Isto, como você e Mirian não são a personalidade original vocês conseguem interagir de modo fantasioso enquanto Albert original mantém as funções básicas, como se alimentar, escrever o que se passa quando você e Mirian estão juntos.

-Espere, disse que não sabia o que eu tinha?

-Sim, você como personalidade não tem problema algum, está totalmente são dentro do possível, quem tem um problema muito grave é o Albert original, sem poder acessá-lo nem sei por onde começar o tratamento, uma cura será impossível até poder conversar com ele, o pior pode ser que o surgimento de Mirian seja o princípio do total descontrole dando origem a tantas personalidades que só restará uma vida vegetativa, a mente não é feita para suportar múltiplas consciências, normalmente as pessoas tem duas e as vezes três, a ativa, a inativa e a de crise, mas você tem no

mínimo duas a mais, além de que posso dizer sem sombra de dúvida que você tem as três consciências plenamente funcionando e independente do Albert original, apesar que pelo o que eu li, seus pensamentos podem estar sendo compartilhados com Mirian.

-Sim, ela leu meus pensamentos várias vezes, apesar de que eu nunca consegui ler os dela, qual a solução para esta bagunça?

-Acredito que devemos encontrar o Albert original e tentar ajudá-lo a resolver seus problemas antes que atinjamos um ponto sem retorno.

-Preciso me integrar a ele para poder resolver o problema então.

-Isto é o mais salutar para todas as personalidades.

-Por que o remédio não me suprimiu como fez com Mirian?

-Por que você se tornou a dominante, talvez tenha sido assim toda a vida.

-Mas eu sei perfeitamente que sofri muito por causa da morte de meus pais.

-Sim e é por isto que é a personalidade dominante mesmo não sendo a original, você é mais forte que o Albert original e por isto ele se esconde em você.

-Mas se for assim todas as pessoas tem múltiplas personalidades.

-Todos devemos ter um mecanismo de defesa que separa nossa mente para poder suportar as crises, mas na maioria das pessoas este mecanismo desfaz a separação para integrar as memórias, só que algumas pessoas, umas pouquíssimas pessoas não conseguem desfazer a separação e ela permanece ativa. -É o meu caso? -Sim e por isto você é tão criativo para escrever, seus pensamentos conseguem se dividir de maneira muito mais fácil que as outras pessoas e apesar de ter dificuldade de se reintegrar pode deixar elas adormecidas como personagens de livros.

-Estou sentindo vontade de chorar mas não estou triste neste momento.

-É um começo, está reconhecendo a necessidade de se reintegrar

entre o Albert original e este Albert.

Ele ficou triste realmente sentiu muita falta dos pais, não sabia de onde vinha tanta tristeza, chorou durante algum tempo pensou como devia estar se sentindo.

-Estou sentindo, estava sozinho no escuro, escrevendo o que eu queria estar sentindo.

-Suas memórias estão se integrando mais rápidamente do que eu previ, você é realmente muito inteligente.

Depois de uma semana internado Albert foi dispensado do uso do medicamento que inibia grande parte de sua capacidade mental e ele pode lembrar claramente das emoções e o que fazia enquanto vagava como um sonâmbulo pela casa. Nas semanas seguintes a melhora de Albert foi muito expressiva. Pediu para ver Beth.

-Beth, eu sinto muito a sua falta, não sei se te amo ainda, mas se tiver paciência eu gostaria de tentar novamente.

-Oh Al, eu queria dizer que eu fui uma tola, eu ri do filme que você gostava tanto, mas depois de terminarmos eu assisti ele novamente e entendi tudo que aquela mulher sentia porque eu sentia muitas coisas parecidas, fui mais tola que ela, afinal fui eu que quis terminar com você e por isso tentei voltar pra você e sofri muito sobre como não atendia minhas ligações e não respondia minhas mensagens, doeu ver você dizer que tinha me esquecido, eu sabia que se não me amasse não teria me ignorado, teria tentado cultivar uma amizade, por isto sabia que mentia naquele dia, tive a certeza quando li a reportagem daquela colunista que dizia que nós éramos amigos depois do nosso rompimento, mesmo agora com você dizendo que não sabe se me ama eu sei que diz isto por que ainda está magoado comigo, mas eu te amo, e se quiser tentar novamente a resposta é sim.

Disse e beijou ele que estava muito triste e inseguro, mas abraçou ela e chorou. No dia da alta, Amanda estava lá, Luke teve de permanecer em Boston por causa do emprego, Merryl estava tensa por estar ao lado de Beth que tinha um buquê de rosas, o doutor Benson saiu aconpanhando Albert do quarto, estava um

pouco inseguro mas já tinha mais controle de si.

As três mulheres tentaram abraçar ele ao mesmo tempo e isso deu um pouco de confusão, todos riram e as três se olharam concordando com uma ordem não dita, primeiro Amanda por ser a irmã, ela apertou forte o irmão caçula e deu uma bicota na boca dele como tinham feito desde que ele se lembrava na infância.

As outras duas sentiram ciúmes e se olharam, depois Beth cedeu a vez para Merryl que o abraçou e beijou no rosto marcando ele e limpando em seguida, ficando vermelha, Beth não gostou mas, se controlou bem e entregou as flores beijando Albert com paixão que respondeu e a elevou no ar como fazia antes quando namoraram a primeira vez.

-Al você está bem?

Perguntou Beth pois ele havia se emocionado e tinha lágrimas.

-Estou querida, só é muito difícil controlar a emoção e manter a concentração.

-Al?

Perguntou Amanda.

-Pois é Mandy, a Beth começou com isto e acho que pegou.

-Eu gostei, é melhor que cara de pastel, sonhador, tonto...

-Mandy.

-Não quero ser chata, mas vamos ter de participar de vários eventos para poder recolocar você no circuito, logo vai ser a escolha do livro do ano e você está sumido, ainda mais com o lançamento do seu livro de poemas. Merryl estava ansiosa para voltar a participar da vida dele.

-Eu nunca gostei de poemas.

Disse Al. As três mulheres olharam para ele com certo espanto.

-Era uma personalidade inativa que escrevia os poemas, eu não gosto de poemas por que me lembram de muito sofrimento.

-Oh querido, e o que fará com seu livro?

-Vou me esforçar ao máximo para não acabar me desmanchando em lágrimas como um bobão caso tenha de lê-los.

As três riram dele. Seguiram dali para um restaurante, jantaram juntos, ele comeu uma codorna ao molho de mel deixando as mulheres indignadas por ele conseguir comer carne doce e no final comer um pudim de leite de sobremesa, Merryl se despediu e foi para casa, ficando apenas Amanda e o casal de namorados.

-Eu vou para o hotel.

-Desculpe Mandy, devia ter ficado lá em casa.

-Não tem problema Al, a casa está fechada a bastante tempo, então é melhor ficar em um hotel mesmo.

Despediram-se como sempre, agora Al teria de lidar também com os olhares estreitos de ciúmes de Beth ao beijar a irmã.

-Vamos?

Disse Beth com desejo, Al deu uma esticada no corpo, como se espreguiçasse o que fez ele parecer ter ganhado alguns centímetros e sorrir de modo jovial para ela que deixou ele muito mais atraente do que aquela atitude sofredora dele.

-Vamos querida.

Foram para o apartamento de Beth.

Estava de pé na janela da frente quando Merryl parou o carro na frente da casa dele, foi até a porta e abriu, ela sorriu e entrou. -Café? -Sim obrigado, adoro o seu café. Ele serviu uma xícara para ela e estendeu o leite e o açucar, ela pegou apenas o leite. -Então? Ele se levantou e voltou com um tablet grande onde o livro estava em letras grandes. -Está com dificuldade para ler, onde estão seus óculos? -As vezes esqueço eles por aí e aumento a letra para compensar. Merryl diminuiu a letra e leu páginas esporádicas e foi para o fim. -Me mande, não prometo nada, já sabe que eu não gosto destes livros, o outro esta ainda aumentando a tiragem mas eu não vou me arriscar com outra ovelha negra. -Tudo bem, leia e depois

me diga o que achou. -Está bem, sabe que eu te amo mas serei honesta. -É o que eu espero de você. Conversaram sobre Beth que estava trabalhando na editora do pai e como estavam felizes. -Quando vão anunciar o noivado? -Acho que é cedo mas ela quer que seja no próximo mês. Merryl terminou o café deu um beijo no rosto dele e saiu. Ele enviou o livro para o email dela e segurou o tablet em baixo do braço, ficou olhando Merryl ir para o carro e acenar, ele acenou de volta, Mirian aproximou-se da janela e acenou para Merryl que partia sorridente. -Acha que ela desconfia? -Com toda certeza. Lembrou daquela noite quando estava sozinho no quarto da clínica de repouso, havia ido ao banheiro e olhou fixamente no espelho e concentrou-se com tal intensidade que viu outro de si de pé, era um homem triste. -Oi. -Você sou eu ou eu sou você? -Acho que nós dois somos um, apesar de eu me sentir muito mais triste que você. -Precisamos resolver isto, você ama Mirian? -Não sei, eu sinto atração por outra pessoa e penso muito nessa pessoa. -Beth? -Talvez. -Deseja ficar com ela? -Não sei, tenho medo de sofrer novamente. -Precisamos descobrir como podemos diferenciar-nos, como quer que eu te chame? -Al. -Está bem al, você ama Beth? -Não sei mas sinto falta do contato humano, do amor, do carinho. -Eu amo Mirian com todo o meu ser,

mas sei que você precisa viver também, vamos achar um jeito de resolver isto com o tempo, concorda? -Acho que sim. -Mirian? Chamou Albert, sentiu um calor e pode sentir ela, como se o observasse, sentiu mãos surgindo e tocando seu corpo em um abraço e ela apareceu na sua mente. -Até que enfim, estava morrendo de preocupação, onde você está? -Estou em uma casa de repouso, um tipo de manicômio para loucos recuperáveis. -Oh, fui eu não foi. -Oh, foi sim. -Quem é esse, parece você mas não é você. -Esse é o al, nós fazemos parte dele. -Parte dele? -Sim, estamos os três aqui mas você e eu não somos reais e talvez existam mais, mas nós três somos os mais fortes, estou tentando me juntar ao al, mas somos muito diferentes e acho que se nos juntassemos iamos causar um desequilibrio destuindo quem somos no processo, então estou buscando uma solução, acho que Jack está em algum lugar daqui também mas ele não é tão forte quanto nós três. -Isso está me parecendo um pesadelo. -Não amor, é apenas uma conferência,

precisamos nos integrar parcialmente para não nos destruirmos e podermos coexistir, assim poderemos viver normalmente. -O que eu tenho de fazer. Perguntou Al. -Al você tem assumido sempre que eu e Mirian estamos juntos? -Sim e quem mais poderia fazer isto. -Então vamos estabelecer uma linha de ação para que você não nos deixe acabar como da última vez, quando voltei estava quase morto de cansaço e fome por que você relaxou com tudo. -Eu estava triste. Então vamos dar um jeito nisto. -Mirian, você vai ter de pegar leve não fazendo brincadeiras quando estivermos com outras pessoas, quando estivermos sozinhos pode aproveitar mas quando estivermos em locais publicos preciso que fique apenas como passageira, senão teremos problemas. -Está bem, mas você ainda me ama? -É claro. -Então pra mim está ótimo. -Al, eu preciso continuar na liderança até que você consiga assumir tudo, depois eu e Mirian nos retiraremos para poder ficar juntos e você vai ter de continuar sozinho. -Eu não quero. -Al, você precisa ser forte, vamos estar aqui com você, mamãe e papai, também vão estar aqui. Disse colocando a mão sobre o peito do homem cabisbaixo. -Vou me esforçar. Quando saiu daquela concentração Al percebeu que tinha a mão ao proprio peito, sentia Albert junto com ele. O relacionamento com Beth ia bem, sentia insegurança como sempre mas podia balancear as fraqueza de Al com a força de Jack e isso estava dando resultados muito bons, Beth inclusive tinha feito uma cena quando uma fã o agarrou e o beijou na boca durante a noite de autógrafos do livro de poemas que tinha se juntado a lista de best sellers, escopeta Jack tinha caído para quarto no ranking de mais vendidos, mas depois do lançamento dos poemas subiu para segundo e ameaçava ir para primeiro novamente, era um best seller desde seu lançamento e havia rumores que seria o livro do ano se continuasse entre os cinco mais vendidos até a comunicação do vencedor, Al e Jack as vezes não se continham e acabavam fazendo alguma bobagem como chorar ao ver um filme com Beth ou quase brigar com outro homem por ele ter olhado muito insistentemente para Beth que adorou ver ele com ciúmes. -Ainda não sei se foi uma boa ideia trazer Jack pra nós. -É um cabeça dura mas a força dele é o que Al precisa para poder encarar a realidade e eu não sou paciente como ele com os mais fracos, além de tudo temos uma única conciência inativa e memória agora e podemos estar todos juntos o

tempo todo sem precisar deixar nossa individualidade de lado o que é uma vitória. -Que faremos se descobrirem e tentarem nos prejudicar? -Não fique se preocupando a toa, podemos tirar férias e deixar Al e Jack se virar com os problemas, Jack apareceu vindo da cozinha com um prato com alumas fatias de pizza. -Adoro geladeira e microondas. -Onde está al? -Deve estar no quarto ouvindo musicas românticas e se acabando de chorar por Beth por que ela não vai vir esta noite por causa de um problema de última hora. Albert se concentrou e sentiu Al deitado com um pacote de lenços descartáveis ouvindo musica francesa. -O que é, estamos sozinhos, então me deixe em paz. Albert se retirou e teve de limpar as lágrimas que saríram de seus olhos, Mirian também limpou as lágrimas, Jack disfarçou elas muito bem e sentou na frente da teve e ligou ela para ver algum programa esportivo. Mirian levou Albert pela mão para o escritório. -Será que Merryl vai gostar do livro? Disse olhando o tablet e aumentando a letra para poder ler melhor. -Tenho esperanças, afinal fiz baseado nas suas percepções do anterior. -O Fantasma Do Hoje era muito bom, mas você deixou muita coisa no ar e me deixou muito curiosa sobre as coisas pendentes. -Espero que este complete o anterior. Ela leu o nome. -O sonho do ontem, tenho certeza que quem leu O Fantasma Do Hoje vai ficar louco quando ler este, vai inclusive haver alguém perguntando quando sai o próximo livro da mulher misteriosa do sonho. -Espero que esteja certa, ela se aproximou e beijou ele, que a envolveu em um abraço e deixou a paixão transbordar. Jack gritou - Que porcaria é essa, juiz ladrão. -Devíamos ir para um praia e só voltar para escrever a continuação do livro do Jack. -Se quiser ir para alguma praia de férias temos de ir logo, senão depois a barriga estará grande demais para que eu possa usar um biquini. -Oh, você está? -Sim. -Que maravilha. Disse beijando ela e rodando com ela no ar. P.s. Sempre que Al vizitava Mandy Albert e Mirian o acompanhavam, eles permaneceia ali apenas olhando e conversando entre si, Albert as vezes assumia para conversar com a irmã mas sempre voltava a ficar em segundo plano, depois do terceiro livro, Jack e Al finalmente se integraram, Jack tinha feito ele treinar duro e estava musculoso e tinha uma barriga dura que fazia Beth ficar excitada toda vez que ele tirava a camisa ou ela o tocava na barriga, Albert tinha feito aquilo com Jack, fazendo françoise ser

muito parecida com Beth, quando ela engravidou Al decidiu que o nome do filho deles seria jean martin, isso foi o que levou Jack a se dissolver na personalidade de al, apenas Albert, Mirian e o pequeno carl permaneciam ativos entre suas personalidades, Albert era melhor com as palavras que al, mas dependia de Al e Mirian para poder ser um bom escritor, estava escrevendo um livro infantil para carl apesar de Merryl estar furiosa por ele querer se meter em uma área diferente, Beth pensave que era por causa de jean e talvez fosse mesmo, quando ela disse que estava grávida no dia do noivado Al teve de se retirar e deixar Jack assumir para ele poder liberar suas emoções, mas viu que Jack também chorava. Agora que jean e carl tinham três anos ele estava feliz. -Quer jogar uma bola al? Luke estivera se aproximando dele pois Al tinha começado a se interessar por esportes apesar de torcer para o Detroit que Luke achava um péssimo time. Al olhou para Beth e Mandy e sorriu indo juntar-se ao cunhado. Ficaram trocando arremessos e falando dos times até que Luke começou a implicar com o Detroit, Al normalmente não ligava mas por estar na frente de todos se sentiu encomodado, Albert e Mirian estavam brincando com carl e pararam o que faziam olhando para al, os três sorriram pois dividiam os pensamentos com ele. Al olhou para a bola por uns segundos e Luke deu a sentença final que deixou Al bravo. -Vai jogar ou não seu molenga? -Acho que esta vai ser quente Luke. -Oh, que medo. E Al arremessou como um profissional e a bola assobiou fazendo uma leve curva e acertando a luva do Luke com tanta violência que o estalo assustou Mandy e Beth. -Aaaííí. Al se arrependeu na hora e correu para o cunhado. -Oh, desculpe Luke. -Meu senhor al, acho que quebrou a minha a mão, Beth e Mandy vieram até os dois para acudir. -Eu não pretendia. -Benson falou que você tinha uma força surpreendente mas eu achava que era bobagem. -Desculpe. -Tudo bem. -Al, por que não pegou leve? -Desculpe Mandy. -Calma amor, eu provoquei o Al. Al riu e Albert, Mirian e carl riram com ele. -gente eu sinto muito, quer ir ao hospital? A mão de Luke tinha inchada. -Vou por no gelo primeiro. Luke ficou muito tempo com a mão no gelo e eles conversaram e riram a tarde toda por causa daquilo. No avião para Chicago Beth estava olhando para ele que afagava o filho, Beth tinha feito uma mecha branca no cabelo como françoise pois estava encantada como Al tinha retratado ela, como uma

guerreira valente e que seduzira o maior guerreiro da segunda guerra, apesar de ser na ficção. Ela sempre desconfiara de que Al nunca tinha se recuperado da crise especialmente por suas mudanças de humores mas nunca o precionara apesar de ter perguntado algumas vezes, decidiu arriscar que ele estava pensando. -Jack por que fez aquilo com Luke? -Foi só um arremesso médio, Luke não estava preparado, só... Al olhou para ela com espanto. -Eu sabia, você não é o Al. -Somos o Al Beth. Ela sentiu um temor. Ele não mudara em nada sua atitude apesar de responder assim. -Quantos de você? -Somente nós dois, estamos finalmente integrados, conseguimos nos tornar um só, por isto que não tivemos mais nenhum descontrole emocional desde que jean nasceu. Por isto não deixou mais a barba crescer? -Eu acho que sim. Al voltou a se referir a si em primeria pessoa do singular fazendo ela relaxar um pouco. -Ainda tem mais alguém aí? -Não quando eu assimilei Jack ficamos mais fortes que todas as personalidades e elas estão apenas na minha mente como personagens. Beth se esticou sobre jean e beijou al, ele a beijou com a paixão e carinho como a havia beijado a primeira vez naquele noite na frente da fonte do parque, onde tinha levado ela. -Sim, você é o Al mesmo. Al sorriu via com sua mente Albert com carl no colo e Mirian acenando e indo embora para o fundo de sua mente. Al olhou para Beth e para o filho deles de modo diferente do que tinha feito a uns poucos segundo, agora ele era uma coletividade formada por cinco pessoas, se Beth perguntasse ele seria

honesto ao dizer que era ao mesmo tempo todos os cinco.

parte dois

-Albert, vai acabar se atrasando, desça logo para o café. O grito da mãe o fez se apressar, pegou a mochila e desceu correndo. -Dormiu de mais cara de pastel. -Mãe. -Pare Amanda. Ele sentou ao

lado do pai e encostou a cabeça no homem grusalho que lhe afagou o cabelo. -Tome seu café, filho, já estamos saindo. -Arrumou sua cama? -Sim mãe. Ele comeu o café da manhã completo e saudável que a mãe lhe preparava todas os dias, tinha apenas dois quitutes de agrado, um biscoito e uma fatia de bacon, o restante eram frutas, cereal, leite e suco de frutas, a mãe não permitia ele tomar café por considerar ele muito novo, apenas Amanda tinha o direito de tomar café por que ela tinha feito dezesseis. Comeu tudo rapidamente deixando o por último, era amanteigado, saiu da mesa comendo ele e seguiu o pai para o carro, Amanda já estava entrando, ela nunca terminava o café e depois tinha que ficar comendo porcarias até o horário do almoço, então ela pegou o melhor lugar novamente, sentou atrás do pai o que dificultava olhar para frente e só podia olhar pelo lado contrário da rua. Na escola beijou o pai e Amanda e desceu do carro, o pai deixaria ela no portão do outro prédio que era o colégial, sua escola era muito boa, os pais insistiram que os filhos estudassem em escolas públicas por que consideravam elas excelentes formadoras de caráter, lá eles teria que escolher com quem se associariam, apesar de viverem em uma boa vizinhança haviam alguns encrenqueiros, mesmo sendo considerado pelos colegas como um nerd e certinho tinham acontecido alguns episódios que mantinham ele livre do bullyng, conseguiu manter as coisas longe do conhecimento dos pais e da administração da escola mas, não dos professores e dos alunos, o garoto em questão preferiu não contar nada para não passar vergonha por ter o nariz quebrado por um nerd com quase metade do tamanho dele, insistiu com o professor que tinha caído depois de uma brincadeira de empurrar com Albert, entrou na sala e sentou a segunda carteira perto da janela, assim estava perto o suficiente do professor e também tinha a luz da janela e o ar fresco. -Oi. -Oi kim. -Conseguiu resolver a quarta questão das tarefas de matemática? -Claro. -Posso ver? Ele respirou fundo e olhou para ela com desanimo. -Não fez nenhuma não foi? -Qualé Albert, não seja tão nerd. -Não sou nerd. -Você não se olha no espelho muito não é, todo mundo sabe que você é o maior cabeção da escola, não sei como não te passaram para outra série. -Minha mãe não permitiu. -Viu, me ajuda, por favor. Ele abriu o caderno e deixou ela copiar as respostas. -Oi Albert, oi kim, deixa eu ver também? -Sai fora johnnie, fica no videogame o dia inteiro e

depois quer copiar as respostas dos outros. -Puxa Albert, a kim você deixa copiar suas respostas. -Ela é uma garota. -Ei, isto é sexismo. -Deixa pra lá kim, ele só é todo certinho, posso copiar as suas respostas? kim olhou para Albert que olhou para a janela, para que ela não pedisse para ele deixar ela dar as respostas para johnnie, afinal o garoto era o mais bonito da sala e apesar não ser muito estudioso era legal e se dava bem nos esporte e com as garotas e kim era uma das suas adMiradoras. -Desculpe johnnie, se eu te der as respostas o Albert nunca mais me ajuda. Albert riu para si mesmo, kim podia gostar de johnnie mas preferia manter-se grudada em Albert, ele não gostava das meninas do ginásio, todas eram como kim, pensavam com os olhos e com o coração, no colégio não seria diferente mas, poderia encontra alguma garota legal no clube de matemática, ciências, astronomia ou xadrez, infelizmente não haviam mais clubes legais, os outros eram todos sobre bobeiras, clube de fotografia, quem entra em um clube para tirar fotos? As aulas foram como sempre, monótonas, Albert se aplicava para poder aprender algo a mais todos os dias e algumas vezes saia muito decepcionado, no almoço, sentou com o pessoal dos clubes que participava que geralmente eram mais velhos que ele mas era respeitado como um membro pleno, depois do que aconteceu com aquele encrenqueiro os ataques diminuíram bastante, pois outros começaram a revidar também e isto afugentou os brigões, então eles podiam comer em paz desde que se sentassem juntos. O único problema que Albert encontrava nos clubes era que as garotas apesar de serem inteligêntes ainda continuavam se comportando como garotas, o mundo seria tão menos complicado se elas fossem como os garotos, pelo menos fossem como os garotos inteligêntes. Esperou a irmã na saída da aula e ela logo apareceu. -Oi cara de pastel, ensinou o professor novamente? -ha, ha, e você, já descobriu por que o céu é azul? -Babaca. Ela ficava sempre irritada quando ele lembrava ela que quando ela tinha dez, perguntou para o pai. -Papai, o céu é azul por que? -Oras Mandy, o céu é azul por que é assim que a luz reflete nas moléculas que compõem a atmosféra. -Cala a boca seu tonto, de onde tirou isto? -Amanda, Albert está certo. Ela tinha ficado com com a cara no chão pelo pirralho saber mais que ela, com o tempo se acostumou a ele ser mais inteligente mesmo ela já sendo muito

inteligente. Os dois foram andando para casa, comeram o lanche que a mãe tinha deixado para eles, logo ela e o pai deveriam chegar, trabalhavam a quase uma hora de casa, então chegariam apenas quando já estivesse escuro, os dois irmãos prepararam os legumes e verduras para a mãe concluir o jantar quando chegasse, hoje seria yakisoba e carne de porco. -*- era sábado, Albert chegou em casa no meio da tarde, tinha ido a biblioteca para fazer um trabalho para a segunda feira, entrou no quarto e notou que algo estava errado, sua colcha estava desalinhada, sempre arrumava a cama perfeitamente, se ela estava desalinha era por que alguém mecheu, ficou furioso colocou a mochila sobre a cama, se abaixou e olho debaixo dela, suas caixas de calçados estavam alinhadas mas, uma tinha a tampa voltada para a direção errada, pegou ela e abriu, seus tênis estavam no lugar mas não do jeito que ele constumava colocar, retirou ele e o papel do fundo da caixa, sua revista tinha uma orelha na capa, estreitou os olhos, só tinha uma pessoa que xeretava suas coisas, arrumou orelha da capa da revista vermelho de vergonha e raiva, tentou se controlas mas não conseguiu, jogou a caixa com tênis e revista no armário e foi atrás do suspeito. Entrou no quarto da irmã sem bater e ela estava deitada de pijama ouvindo música nos fones de ouvido, foi até ela e arrancou os fones dela. -Oh. -Mandy, pensou que eu não iria descobrir que xeretou novamente o meu quarto? -Ei, eu não fiz nada. -Fez sim, só uma atrapalhada como você para não deixar as coisas arrumadas no lugar. -E daí que eu xeretei um pouco. -Vou contar para mamãe que você não respeita nada e que vou passar a trancar o meu quarto. -Vai mimadinho, vai reclamar pra ela e eu conto onde esconde as suas revistas de putaria. -Acha que a mamãe é idiota, ela já deve saber delas, mas ao contrário de você ela respeita a privacidade dos outros. Amanda ficou pálida, era claro que a mãe deles devia saber de tudo que eles tinham no quarto, ela devia respeitar a privacidade deles deixando eles pensar que conseguiam manter segredos dela. -Acha que ela mexe nos nossos quartos? -É claro, afinal, só ela para dar jeito nessa sua bagunça. Albert pegou uma pilha de roupas para dobrar que estavam no pé da cama de Amanda e jogou nela. -Sai daqui cara de pastel. -Fique longe do meu quarto ou vai se arrepender. -Oh, que medo, vai fazer o que? -Tem um milhão de coisas nojentas que você morre de medo e pode passar a encontrar elas nas suas gavetas e na sua cama, eu

estou avisando Mandy, vai se arrepender se me irritar. Ela ficou pálida novamente. -Não faria isto? -Faria coisa muito pior, deixe as minhas coisas em paz. -Tá bem, desculpe, é que eu sou muito curiosa, você é todo certinho que as vezes nem parece meu irmão. -As vezes eu penso o mesmo. Disse indo para a porta, se arrependeu de ter dito aquilo e daquele jeito, virou para a irmã. -Desculpe, eu não quis dizer isto. -Tudo bem, estava bravo. -Só não mexa mais no meu quarto. -Não prometo. -Mandy. Ela pegou uma peça de roupa e jogou nele que a aparou, era uma calcinha. -Ui que nojo, jogou ela novamente em Mandy, saiu do quarto dela vermelho e fechou a porta. Amanda riu, adorava implicar com Albert, ele era tão fofo, sempre com aquele jeito certinho de bom moço que ela não podia evitar aprontar com ele, preocupou-se do que ele disse, foi até seu esconderijo secreto e pegou a carteira de cigarros e as camisinhas e decidiu dar um fim nelas. Amanda era uma nojenta, jogar uma calcinha nele, entrou no quarto dele e viu o que tinha feito com a caixa de sapato, chorou de frustração, juntou suas coisas e ajeitou tudo no lugar novamente de modo mais perfeito e ordenado possível, não fazia aquilo por que gostava mas gostava do modo que os pais olhavam o quarto dele, com orgulho e respeito, era por isto que se mantinha sempre arrumado e o quarto sempre limpo, foi até seu tabuleiro de xadrez, ficou olhando para ele por muito tempo, girou ele, pensou, voltou a girar e fez uma jogada, virou novamente o tabuleiro e olhou o que havia mudado no cenário, pensou mais algum tempo mas, nenhuma solução imediata apareceu e ele foi termiar as tarefas da escola, no ano que vem ia para o colegial e então poderia se dar bem com as garotas, no ginásial só tinha meninas imaturas, seria ótimo se livrar delas e de Amanda dali a mais um ano quando ela finalmente fosse para a faculdade, isso se ela conseguisse passar de ano. -*-